

REUNIÃO EXTRAORDINÁRIA E SOLENE DO C.N. DO P.C.B. EM HOMENAGEM A STALIN

(NOTICIÁRIO NA 3ª. PÁG. ★ DISCURSO DE PRESTES NA PÁG. CENTRAL)

VOZ OPERÁRIA

№ 204 ★ RIO DE JANEIRO, 11-4-1953

GLÓRIA ETERNA A STÁLIN



O proletariado paulista empunha a bandeira de todo o povo

Com magnífico espírito combativo e admirável fibra proletária cerca de 250 mil trabalhadores em greve empunham a bandeira de luta de todo o povo brasileiro contra a carestia, a miséria e a fome. Paralisando simultaneamente vários e importantes ramos da produção na capital bandeirante, a greve se alastra e dia a dia mobiliza novos e novos contingentes operários que exigem como um só homem aumento do salário, redução dos preços dos artigos de primeira necessidade e a cessação imediata do criminoso racionamento da Light.

Esta greve grandiosa pelas suas proporções assinala um novo e importante avanço do movimento operário em nossa pátria. Pela primeira vez se desencadeia uma luta destas proporções contra a carestia pela classe operária organizada em seus sindicatos. Este fato revela um aguçamento sem precedentes da luta de classes no Brasil, uma nova etapa na organização e na luta da classe operária.

A poderosa greve do proletariado paulista põe em xeque a política assassina de «mais canhão e menos pão» seguida pelo governo de traição nacional de Getúlio em obediência a seus amos americanos. Por isso ela reforça a luta de todo o povo pela paz. Ela enfrenta praticamente o domínio imperialista exigindo que cesse o racionamento decretado pela Light através do governo. Esta luta contra o regime das panelas vazias chocase com a violência brutal e selvagem dum governo de fome e guerra, o que demonstra que a luta contra a miséria é inseparável da luta pelas liberdades democráticas.

Esta greve dos trabalhadores de São Paulo não traz apenas o estímulo e o exemplo de ações combativas que inspiram e estimulam as lutas de seus irmãos em todo o país, mas sobretudo destaca de modo especial a importância decisiva da organização nos locais de trabalho, da reconquista dos sindicatos que vão à luta e por isso crescem e se desenvolvem aceleradamente, quebram em pedaços o odioso domínio policial do Ministério do Trabalho de Getúlio. A grande greve de São Paulo é um sério passo à frente na luta pela autonomia e pela liberdade sindical.

O grande embate contra a carestia se trava nas condições do amadurecimento político das massas populares que já não podem nem querem continuar a viver na situação atual e procuram uma solução através da luta. Através de sua própria experiência, elas compreendem cada vez mais rapidamente que só através da luta, unicamente seguindo o caminho indicado pelos comunistas é que se pode modificar a favor do povo o atual estado de coisas — miséria, fome e sofrimento para a maioria esmagadora e lucros fabulosos para os sanguessugas americanos e meia dúzia de grandes capitalistas e latifundiários seus lacaios.

Em todo o país ergue-se o clamor do povo contra a carestia da vida. As massas de milhões de brasileiros, desde o Nordeste requeimado pela seca até as férteis regiões do Sul, protestam com vigor crescente contra a elevação constante dos preços dos artigos de consumo obrigatório e que reduz sem cessar o valor real dos salários. A nação inteira sente e compreende que é a sua bandeira de luta contra a fome a bandeira que empunha o proletariado paulista. Nas fábricas e nos lares, em todo o país, crepita a chama ardente da solidariedade de combate dos trabalhadores e do povo brasileiro aos seus irmãos de São Paulo. Greves, manifestações de protesto, telegramas e mensagens todas as formas ativas de solidariedade ajudarão os grevistas de Piratininga a levar a luta até a vitória final.

A "General Motors" na Suprema Corte

A Secretaria da Justiça dos Estados Unidos, que tem como titular o funcionário da "General Motors" Douglas Mc Kay, dirigiu-se à Suprema Corte americana exigindo que seja mantida a condenação à morte do casal Rosenberg. — (DOS JORNAIS)



MC KAY — Isto aqui não é Moscou! O processo não pode ser reaberto e os Rosenbergs terão mesmo que ser mortos!

O 31º Aniversário do PCB na Mogiana

O povo de Ribeirão Preto vibrou de entusiasmo quando soube que a grande quantidade de fogos soltada na madrugada do dia 25 de março era para anunciar mais um aniversário do Partido Comunista do Brasil.

Assim aconteceu em toda a Mogiana, onde o 31º aniversário do PCB foi saudado com alegria por todo o povo. Em todas as cidades desta zona circulou um boletim conclamando o povo a se organizar e a lutar contra esse governo de fome e traição nacional. O boletim conclamava o povo a não se deixar esfomear sem luta, a não permitir que nossos jovens sejam enviados para a Coreia, a impedir a ratificação do acordo militar que nos escraviza aos imperialistas americanos.

(as.) — Alceu Gonçalves

Um combatente revolucionário

Ao ensejo das comemorações do 31º aniversário do PCB — o Partido de Prestes e da libertação nacional — é justo reverirmos os exemplos daqueles heróis que empunharam a sua bandeira de amor e de luta, dedicando toda a sua vida à causa internacional do proletariado. A VOZ OPERÁRIA abre com orgulho suas colunas para reverenciar a memória de um batalhador incansável e sincero, provado nas lutas que enriquecem a tradição de heroísmo e coragem do Partido.

FRANCISCO DE SOUZA, operário da construção civil, tem seu nome ligado às lutas da classe operária e do povo desde a campanha do Setor Vermelho. Titular de odienta perseguição por parte da polícia fascista de Filinto Miller, Serafim Braga & Cia, foi obrigado a abandonar o Brasil, indo para Portugal, onde não cessou suas atividades, pois tinha consciência de que a causa do proletariado é internacional, é uma em todos os países.

Acusado, depois, pela polícia salazarista, conseguiu voltar para o Brasil, já então na época da legalidade do PCB, em cujas fileiras voltou a militar, cumprindo com amor, entusiasmo e zelo as suas tarefas dentro da célula «Argemiro de Carvalho».

Francisco de Souza morreu tragicamente. Ele caiu do 8º andar de um edifício em cuja construção trabalhava. Foi uma perda para o Partido. Mas o exemplo de sua vida, toda ela voltada para a sagrada causa do proletariado, serve como um estímulo e encorajamento.

a) Thomaz Gomes dos Santos

Sêca e miséria no Ceará

Um trabalhador amigo da VOZ OPERÁRIA, que reside no Distrito Federal, no intuito de cooperar com este semanário, escreveu a pessoa de sua família, domiciliada em Fortaleza, pedindo informações sobre a seca. Da resposta que vem de receber, extraímos o seguinte trecho:

«A vida aqui em Fortaleza está cada dia mais difícil e mais cara. Quase não tem trabalho e o salário é de 16 cruzeiros e 60 centavos por dia. Um ou outro paga 20 cruzeiros. Os preços são estes:

Feijão .. .	11,00	o quilo
Arroz (1º) .	10,00	»
Arroz (2º) .	6,50	»
Milho .. .	3,00	»
Farinha .. .	5,00	»
Pão .. .	7,00	»
Carne (1.ª)	20,00	»
Carne (2.ª)	18,00	»
Peixe .. .	25,00	»
Café .. .	22,00	»
Panelada .	10,00	»
Fígado .. .	6,00	»

Os flagelados no Ceará estão aumentando muito. Faz pena o número de mendicantes por toda a cidade. A miséria é grande e não se vê nenhum auxílio. Tudo isso de que você fala que mandam para cá, nem se ouve falar. Os pobres flagelados nada recebem. (a) Cecília».

O tubarão só pensa em automóveis

«Existe nesta cidade um cortume cujo proprietário, de nome Pedro Corci, é um grande tubarão que explora os operários, pagando-lhes salários que mal chegam para comer.

No cortume um operário ganha 720 cruzeiro por mês, sujeitos ainda ao desconto para a aposentadoria. Desse dinheiro o operário tira 200 cruzeiros para pagar o aluguel de casa. Ficam portanto, menos de 520 cruzeiros para se alimentar e tudo o mais. Como é que ele pode viver quando tem mulher e dois ou três filhos para sustentar?»

No cortume não há proteção à saúde dos operários. Trabalha-se dentro d'água o dia inteiro e o mês inteiro. O tubarão não vê que os operários precisam de botas de borracha. Ele só pensa em comprar automóveis e mais automóveis com o lucro que tem nos explorando dessa forma. O que é preciso é que todos os operários deste cortume se unam e requeiram aumento de ordenado e mais proteção no trabalho. (a) Valdo — (Pinha, Estado de São Paulo)».

Comemorado em Paraguaçu o aniversário do PCB

Os trabalhadores de Paraguaçu Paulista festejam a data de 25 de março, que marcou a passagem do 31º aniversário do Partido Comunista do Brasil, com salvas de fogos, ampla distribuição de boletins e numerosas inscrições murais com os seguintes dizeres: «Viva o 31º aniversário do PCB!», «Viva Prestes!», «Vivam os trabalhadores de todo o Brasil» e outras. O aniversário do Partido Comunista foi comemorado no momento em que sofremos uma profunda dor pela perda do nosso grande mestre Stalin, defensor da paz mundial.

A comemoração do 25 de março, aqui em Paraguaçu, foi feita apesar do intenso policiamento na noite de 24 para 25. O delegado tomou providências para prender os que soltavam fogos, distribuíam boletins e faziam inscrições. Mas, tudo correu bem. Ele, então, culpou os guardas, botou quatro guardas para fora dizendo que eles não tinham feito o serviço direito.

Por fim, quero também dizer que o José Simão sabotou o pagamento de 97 dias de trabalho a seco, ganhos por trabalhadores que se alimentaram com farinha de mandioca e feijão sem uma grama de carne. (a) Antonio Pacheco».

Luta contra a carestia em Ribeirão Preto

O juiz fascista Pompílio Conceição decretou a prisão preventiva contra numerosos operários que participaram das manifestações contra a carestia, aqui em Ribeirão Preto. Assim a justiça desse governo de fome quer punir o «crime» de lutar contra a miséria na pessoa dos trabalhadores José Nestor Coutinho, Clemente Fernandes de Souza, José Alves, Agostinho Eusébio, Liberato Benito da Silva, Candido de Oliveira, Marcelino Rodrigues de Souza, João Batista Pereira, Zito Alves, Angelo Castelo, Euclides Veloso, José Marinetes e Nadir de Almeida Barreto.

Muitos deles já se acham nas garras do carrasco policial, o tarado Brabante que age em combinação com o prefeito Condeixas outro

inimigo mortal dos trabalhadores.

Quem são esses homens que condenam, perseguem e torturam os operários?

O prefeito Condeixas teve o tope de dizer que os trabalhadores não podem se queixar porque ganham 1.800,00 por mês. A verdade é que o salário mínimo é de 830,00. Em Ribeirão Preto poucos são os que ganham mais de 1.000,00. Um operário da Antartica, mesmo com muitas horas extras, conforme ele mesmo contou, não pode tirar mais do que 1.400,00 no mês de fevereiro. Condeixas, sim, é que está com a vida folgada, pois ganha de dois lados, como prefeito e como tenente-coronel da Força Pública. Ele só pensa em política. Há pouco chegaram mais quatro metralhadoras para a guarda civil.

O juiz Conceição faz tudo o que a polícia manda. É um tubarão dono de muitos prédios de aluguel. Quando ele condena operários e camponeses, quando decreta a prisão preventiva de operários contra os quais a polícia atirou em plena via pública, esse juiz está defendendo o seus próprios «direitos» de explorar o povo, de continuar vivendo à tripa fôrra como um de pança cheia.

A luta contra a carestia não vai parar por causa das violências dessas gente. Pelo contrário, ela aumenta. Ela se junta agora com a luta pela liberdade, porque o povo há de arrancar do cárcere os operários presos e reduzir a nada a fascista ordem de prisão preventiva contra trabalhadores que protestam contra esse regime de miséria e fome. (a) Bruno Ferreira.

Nossa capa

Reproduzimos na capa desta edição a imagem fotográfica do quadro a óleo de autoria do jovem artista plástico brasileiro Israel Pedrosa. Com traços simples e vigorosos, Pedrosa abordou um tema que está no coração do povo: as ameaças ao grande Stalin. O quadro de Israel Pedrosa se baseia no feito de um grupo de patriotas desta capital, um dos muitos grupos que fixaram em certa parede do Rio estas belas palavras: «Glória eterna a Stalin».

VOZ OPERÁRIA

Diretor Responsável
JOAO BATISTA DE LIMA E SILVA
MATRIZ: Av. Rio Branco, 267 - 17º andar - Sala 1712
SUCURSAS:
SAO PAULO — Rua dos Estudantes, 34 - Sala 29;
P. ALEGRE — Rua Voluntários da Pátria, 527 - Sl. 48
RECIFE — Rua de Palmes, 295 - Sala 205 - Ed. Sect.
SALVADOR — Rua João de Deus, 1 - Sala 1; FORTALEZA — Rua Barão de Rio Branco, 1245 - Sala 22
ASSINATURA:
Anual .. . Cr\$ 30,00
Semestral .. . Cr\$ 15,00
Trimestral .. . Cr\$ 8,00
N.º Avulso .. . Cr\$ 4,00
N.º atrasado .. . Cr\$ 1,00
Este Semanário é reimpresso em S. PAULO — RECIFE — PORTO ALEGRE — FORTALEZA — SALVADOR — SÃO PAULO — BELÉM.

Reunião Solene do Comitê Nacional do P.C.B. em Homenagem à Memória do Grande STÁLIN

COMOVIDO DISCURSO DO CAMARADA LUIZ CARLOS PRESTES, SECRETARIO GERAL DO P.C.B. — MENSAGEM AO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA — TOCANTE DEMONSTRAÇÃO DO INTERNACIONALISMO PROLETÁRIO E DE FIDELIDADE AO PAÍS DO SOCIALISMO

EM REUNIÃO extraordinária e solene recentemente realizada, o Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil prestou comovedora homenagem à sagrada memória do imortal chefe, guia e pai do proletariado e dos povos do mundo inteiro — Iósif Vissarionóvitch Stálin.

Neste ato profundamente tocante, os dirigentes do Partido do proletariado, tendo à frente Luiz Carlos Prestes, fiel discípulo do grande Stálin, expressaram a imensa dor que arde no coração do povo brasileiro pela perda irreparável do defensor supremo da independência dos povos, do porta-estandarte da paz, do maior gênio que a humanidade já produziu — o camarada Stálin.

A reunião iniciou-se num ambiente de profunda emoção.

Um grande retrato do camarada Stálin, da autoria de Portinari, encimava a mesa ocupada pelo Presidium. Fitas negras e vermelhas emolduravam o semblante sereno e inesquecível do grande comandante. Ao pé do retrato via-se uma grande bracaída de flores. Das paredes pendiam uma grande coroa fúnebre com o símbolo da foice e o martelo e três flâmulas vermelhas com os dizeres: «Glória a Stálin», «Stálin é imortal» e «Viva o P.C. da União Soviética».

Em nome do camarada Prestes, Secretário Geral do P.C.B., um membro da Comissão Executiva do Partido declarou aberta a sessão solene e extraordinária do C.N. em homenagem à memória do camarada Stálin.

Em seguida, convidou a tomarem lugar na mesa os componentes do Presidium da solenidade, entre os quais se achavam membros da Comissão Executiva, dirigentes do Partido em varios Estados, um dos fundadores do P.C.B. e o Secretário Geral da União Juvenute Comunista.

Composto o Presidium, todos os presentes, de pé, conservaram-se durante cinco minutos em silêncio, reverenciando assim o vulto imortal de Stálin.

EMOCIONANTE DISCURSO DO CAMARADA PRESTES

Um dos dirigentes do Partido, que presidiu a reunião, procedeu à leitura do comovedor discurso do camarada Prestes, chefe do P.C.B. e guia do proletariado brasileiro.

Em palavras repassadas de dor, o camarada Prestes exprimiu o imenso pesar dos comunistas e de todos os homens e mulheres simples do Brasil pela morte do grande Stálin. Analisando a gigantesca contribuição de Stálin, gênio do marxismo criador, à causa da classe operária e dos povos, o camarada Prestes destacou em particular o quanto devem a Stálin o Partido Comunista do Brasil, o proletariado e o povo brasileiro. «Nosso Partido tudo deve ao camarada Stálin — disse Prestes em seu discurso — Foi sob a direção de Stálin que nosso Partido viveu e cresceu». Prestes salientou que o P.C.B. deve a Stálin sua educação no espírito do internacionalismo proletário e da fidelidade sem reservas à União Soviética; os preciosos ensinamentos stalinistas sobre a luta pela paz, a libertação nacional e um governo democrático e popular; as lições geniais sobre a necessidade da aliança operário-camponesa para a vitória da revolução; as sábias indicações sobre a construção do Partido do proletariado. Por varias vezes, a bela e sentida oração do camarada Prestes foi interrompida por prolongados aplausos, concluindo com as seguintes palavras: «Glória a Stálin! Seu nome está indissolúvelmente ligado a toda a atividade de nosso Partido, à história de nosso povo. Quando nosso povo puder festejar a vida livre e feliz que alcançará, o nome de Stálin estará mais vivo do que nunca nos lábios das crianças, no coração de todas as mães brasileiras, na memória de todo o nosso povo».

Todos os presentes, de pé, aplaudiram comovidamente as palavras de Prestes.

HOMENAGEM DO POVO BRASILEIRO

O camarada Carlos Marighella leu em seguida o relatório das medidas adotadas pela Comissão Executiva para as homenagens

do P.C.B. e do povo brasileiro ao camarada Stálin, por motivo de seu falecimento.

Entre as iniciativas tomadas pelo Comitê Nacional do P.C.B. destaca-se a Carta Aberta chamando todo o Partido, os trabalhadores e o povo a manifestar por todos os meios seu imenso pesar pela morte do genial guia do proletariado, do maior amigo do povo brasileiro.

Reveste-se de extraordinária importância a campanha de assinaturas para o livro «Homenagem do povo brasileiro ao grande Stálin». Milhões de brasileiros assinarão neste livro, que será levado a Moscou por uma representativa delegação de nosso povo.

Carlos Marighella acentuou em seu relatório que uma das maiores homenagens à memória do amado chefe do proletariado será o grandioso «Recrutamento Stálin» através do qual milhares e milhares de novos combatentes serão chamados às fileiras do Partido Comunista a fim de preencher a incalculável lacuna deixada pelo grande Stálin no movimento revolucionário do proletariado. As portas do Partido Comunista do Brasil — disse Carlos Marighella — estão abertas de par em par a todos os operários honrados e combativos, a todos que desejarem ser lutadores de vanguarda pela causa da paz, da democracia e do socialismo, sublime causa à qual Stálin dedicou toda a sua vida.

A PALAVRA DE UM FUNDADOR DO P.C.B.

Usou da palavra, em continuação, um dos fundadores do Partido Comunista do Brasil, membro do Comitê Nacional.

Relembrando comovido os primeiros tempos da existência do Partido salientou a extraordinária importância dos ensinamentos e conselhos do camarada Stálin para a construção e a consolidação de nosso Partido e do movimento revolucionário no Brasil. Demorados aplausos interromperam o orador quando este recordou que o querido chefe do P.C.B., o camarada Prestes, foi trazido às fileiras do Partido pela mão firme e sábia de camarada Stálin. Se o P.C.B. forjou um líder de fibra staliniana como o grande Prestes — concluiu o orador entre aplausos — devemos-lo antes de tudo ao nosso inolvidável educador, o camarada Stálin.

“Juramos erguer bem alto a gloriosa bandeira que nos indicou Stálin”

MENSAGEM DE PRESTES E DO C.N. DO P.C.B. AO COMITÊ CENTRAL DO P.C.U.S. E AO CAMARADA G. MALENKOV

«Ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética.

Ao Camarada G. M. Malenkov.

Foi com a mais profunda emoção que recebemos a infame notícia do falecimento de IÓSIF VISSARIONOVITCH STÁLIN, nosso estremo camarada, mestre e guia, o maior amigo de nosso povo. Sentimos e avaliamos a extensão da perda irreparável que sofre neste instante toda a humanidade progressista e particularmente a classe operária e compartilhamos comovidos da dor imensa dos povos soviéticos que perderam com Stálin seu pai e chefe genial.

Em nome do Comitê Nacional do Partido Comunista do Brasil e em meu próprio nome, desejo expressar ao glorioso Partido Comunista da União Soviética, ao seu sábio Comitê Central e ao seu eminente líder, camarada Ma-

lenkov, o testemunho de nossa solidariedade sem limites e a certeza de que tudo faremos para tornar cada vez mais vivas entre o povo brasileiro as grandes idéias por que viveu e lutou o nosso grande e inolvidável camarada Stálin.

Mais do que nunca, estamos seguros de que o povo brasileiro, que sentiu profundamente a morte do camarada Stálin, jamais se deixará arrastar pelos incendiários de guerra norte-americanos a uma guerra de agressão contra a gloriosa União Soviética, a pátria dos trabalhadores e oprimidos do mundo inteiro. À frente da classe operária e de todo o nosso povo, juramos erguer bem alto a gloriosa bandeira que nos indicou Stálin em seu sábio discurso no XIX Congresso, a bandeira das liberdades democráticas e da independência nacional, a bandeira da paz entre os povos e da luta contra os incendiários de guerra. Os ensinamentos que tivemos a

ventura de receber do camarada Stálin, constituem para nós um legado precioso que juramos saber honrar, não poupando esforços para construir e consolidar nosso Partido à margem e semelhança do glorioso Partido de Lênin e Stálin.

Sofremos imensamente com a perda irreparável do camarada Stálin, nosso pai e amigo estremo, mas sentimos-nos fortes porque sabemos que seu glorioso Partido prossegue à frente de todos os trabalhadores a luta vitoriosa pela paz, pela democracia e pelo comunismo. Aproveitamos o ensejo para assegurar aos queridos camaradas desse provado Comitê Central stalinista, dirigido pelo camarada Malenkov, a certeza da dedicação e da fidelidade sem limites de todos os militantes de nosso Partido.

Com as nossas sentidas condolências, sauda-os fraternalmente

A JUVENTUDE VENERA SEU MESTRE

O Secretário Geral da União da Juventude Comunista pronunciou sentidas palavras, exprimindo a dolorosa consternação da mocidade brasileira pela morte do camarada Stálin.

Reafirmou também a inabalável decisão dos jovens comunistas de prosseguir na luta pela paz, a democracia e o socialismo, sob o comando do grande discípulo de Stálin, o camarada Prestes, e seguindo fielmente a orientação do P.C.B.

MENSAGEM AO C.C. DO P.C.U.S.

O camarada Maurício Grabols leu em seguida a mensagem enviada pelo camarada Prestes ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética.

Neste significativo documento, que é transcrito na íntegra em outro local desta edição, o camarada Prestes expressa os sentimentos do povo brasileiro pelo falecimento do grande Stálin e assegura ao Comitê Central stalinista do Partido de Lênin e Stálin e ao seu eminente líder, camarada Malenkov, a certeza da dedicação e da fidelidade sem limites de todos os militantes do P.C.B. Grandes aplausos coroaram a leitura desta mensagem.

Franqueada a palavra aos presentes, falaram duas militantes e um militante do Partido. Profundamente comovidos, com a voz embargada pelo pranto, mal puderam dizer do imenso amor que todos os comunistas brasileiros, os operários, os camponeses, as mulheres, os jovens e todo o nosso povo votam ao grande Stálin.

ENCERRAMENTO DA SOLENIDADE

O dirigente comunista Diógenes Arruda encerrou a solenidade.

Em seu emocionante discurso, Diógenes Arruda revelou a solicitude e o carinho paternal com que o grande Stálin procurava ajudar os Partidos Comunistas dos países oprimidos como o do Brasil, através de sábios conselhos e ensinamentos. Sob intensos e demorados aplausos, falou da confiança e estima que o camarada Stálin dedicava ao dirigente máximo do proletariado e do povo brasileiro, Luiz Carlos Prestes, chefe comunista de tempera stalinista. Diógenes Arruda referiu-se, por fim, ao profundo significado daquela reunião solene do C.N. do P.C.B., reafirmação poderosa do sentimento de internacionalismo proletário do Partido, demonstração pujante de que a classe operária brasileira há de tornar vitoriosa a palavra de ordem lançada pelo grande Prestes: «O povo brasileiro jamais fará guerra à União Soviética». As últimas palavras de Diógenes Arruda: «Glória eterna ao grande Stálin!» foram abafadas por uma longa salva de palmas.

A reunião solene e extraordinária do C.N. do P.C.B. constituiu a mais bela e tocante manifestação de pesar do povo brasileiro pelo falecimento do imortal Stálin, comandante e mestre dos explorados e oprimidos de toda o mundo.



LUIZ CARLOS PRESTES

O Povo Chora a Morte de Stálin

Artífice da felicidade humana

Mensagem de dor das mulheres cearenses



Atendendo ao apelo lançado pelo Comitê Nacional do P.O.B. do povo brasileiro, numerosos artistas plásticos vêm realizando trabalhos em homenagem ao Chefe Imortal dos trabalhadores, o grande Stálin. Da pintora Regina Yolanda é a seguinte composição que se vê acima.

VOCÊ JÁ TEM SUA LISTA PARA A HOMENAGEM DO POVO BRASILEIRO AO GRANDE STÁLIN?

Episódios profundamente tocantes revelaram o imenso amor dos trabalhadores e do povo do Brasil pelo grande Stálin, quando cessou de pulsar seu generoso coração. A consternação das pessoas simples, as lágrimas que enchem os olhos dos operários ao evocar a memória imortal de Stálin, não puderam ser ignoradas mesmo por essa imprensa repugnante e venal que vive tentando denegrir o maior gênio que já surgiu no seio da humanidade.

A campanha de assinaturas lançada pela VOZ OPERÁRIA e outros jornais populares para a «Homenagem do povo brasileiro ao grande Stálin», é a forma simples e prática que torna possível a centenas de milhares de brasileiros exprimir o grande pesar que sentem pela perda do seu melhor amigo e, ao mesmo tempo, solidarizar-se com a dor dos povos irmãos da heroica URSS, educados pelo gênio de Stálin.

Em nossa redação os leitores e amigos da VOZ OPERÁRIA poderão encontrar as listas para a coleta de assinaturas. Também em nossas sucursais nos Estados estaremos à disposição dos nossos leitores. Entretanto, a confecção destas listas é bem simples. Basta que sobre uma folha de papel se escreva o nome da cidade, da fábrica, da fazenda ou do bairro, de onde procedem as firmas, por cima dos dizeres: HOMENAGEM DO POVO BRASILEIRO AO GRANDE STÁLIN. Na coleta das assinaturas, como no cabeçalho, deve ser observada, tão só, uma margem de quatro centímetros, a fim de possibilitar a encadernação em volumes das listas preenchidas. Estes volumes serão, em seguida, enviados ao Soviet Supremo da URSS, como uma HOMENAGEM DO POVO BRASILEIRO AO GRANDE STÁLIN.

Se você ainda não tem a sua lista tome desde já a iniciativa de prepará-la ou venha buscá-la em nossa redação ou nos sucursais da VOZ. O nosso povo ama o camarada Stálin e se associará de todo coração a essa homenagem.

A humanidade trabalhadora e progressista perdeu para sempre o seu sábio chefe — o grande Stálin!

Stálin dedicou toda a sua vida em prol da felicidade humana. Os povos da gloriosa União Soviética há 36 anos, dirigidos por Lênin e Stálin, livraram-se para sempre da fome e do atraso da escravidão, conquistando o bem-estar, o progresso e a liberdade através da Grande Revolução de Outubro. Stálin, fiel a Lênin, na direção do Partido Comunista e do povo soviético, transformou a União Soviética numa poderosa e invencível potência, respeitada e admirada pelas pessoas simples do mundo e baluarte contra os esfomeadores e opressores de povos — os incendiários de guerra.

Os povos da União Soviética choram a morte de Stálin e, juntamente com eles, choram os demais povos, que lutam pelo sagrado direito a uma vida feliz. Entre eles, o povo brasileiro que, devido ao governo de traição nacional de Getúlio Vargas, sofre com a desenfreada carestia da vida, os baixos salários, a opressão americana e cujos filhos têm suas vidas ameaçadas pelo ignóbil «Acórdo Militar Brasil-Estados Unidos».

Mas eis que aumenta cada vez mais a contradição entre o que o povo brasileiro quer e o que o governo vende-pátria de Getúlio pode dar, que é aumento do custo da vida, entrega total da soberania da pátria aos lanques, envio de milhares de jovens para morrerem nas guerras de agressão que os imperialistas organizam contra povos pacíficos.

É vivendo nesse penorama negro que o povo brasileiro associa-se aos povos soviéticos e aos demais povos, chorando a morte do grande Stálin.

O nome e a obra de Stálin viverão através dos tempos, iluminando o caminho que levará irresistivelmente os povos do mundo, particularmente o povo brasileiro, a conquistar a Paz, a independência nacional, um governo democrático-popular. A ciência do proletariado — o marxismo-leninismo — foi imensamente enriquecida pelo grande Stálin. Stálin estabeleceu a queda fatal do capitalismo no mundo e educou os dirigentes comunistas de todos os países, entre os quais seu fiel discípulo e querido dirigente do Partido Comunista e do povo brasileiro — o camarada Luiz Carlos Prestes.

O povo brasileiro cumprirá sua tarefa, organizando-se na luta contra a carestia, por aumento de salários, pela Paz, contra o Acórdo Militar e contra o envio de tropas; pela organização de comitês da L.D.L.N. e pela derrubada definitiva do governo vende-pátria de Getúlio, substituindo esse governo de guerra e colonização por um governo democrático-popular.

O povo brasileiro glorificará eternamente o nome do grande Stálin — artífice da Felicidade Humana.

Palmiro Campos Braga — Sorocaba, São Paulo.

Recebemos de Fortaleza a mensagem abaixo, assinada por 25 mulheres cearenses. O original da mensagem será incorporado ao livro em que estarão reunidas as mensagens de todo o povo brasileiro de pesar e dor pela morte do grande Stálin.

«Nós, partidárias da paz do bairro de Marupira, solidarizando-nos com o grande povo soviético e com todos os verdadeiros lutadores desta nobre causa, apresentamos nossas mais sentidas condolências pelo falecimento do Grande Chefe e Guia Genial dos Povos na causa da Paz e das liberdades humanas, o camarada Stálin.

Glória, pois, à memória do grande Chefe! E que seus continuadores saibam elevar bem alto a causa pela qual lutam todos os povos!

Salve a gloriosa União Soviética!
(Assinam a mensagem Raimunda Gomes, Maria Rosalia Paula, Clotilde, Firmiano, Maria de Nazaré, Iraci Feltoza e outras).

Cantaremos o hino da vitória em louvor do grande Stálin!

Seu coração jamais pulsará e seu corpo inerte repousa para sempre no Mausoléu da Praça Vermelha, ao lado de seu velho camarada e mestre, Lênin, deixando esta grandiosa obra que o mundo inteiro admira e aos reacionários assombra, porque nela está o exemplo para o ralar de uma nova aurora que porá fim à exploração do homem pelo homem, como aconteceu na invencível União Soviética e nas Democracias Populares.

Mas seu exemplo, sua dedicação ao trabalho, seu carinho com o povo e seus ensinamentos serão a terna estrela luminosa que guiará a humanidade progressista no caminho de sua emancipação, sob a direção da vanguarda do proletariado e do povo que, no Brasil, está sob o comando do camarada Prestes.

Em honra à memória do nosso mesquinho mestre e pai carinhoso, jamais consentiremos que os cambais arrastem nosso povo a uma guerra contra a União Soviética! Pegando, consternados ante a desgraça que cobriu o mundo inteiro, de pé, juramos não ceder um passo do terreno conquistado, até a vitória, quando sepultaremos para sempre este regime que aí está, quando cantaremos o hino da vitória em homenagem aos que tombaram por esta grande causa e ao legado que nos deixou o saudoso e inesquecível camarada Stálin.

Glória eterna ao fundador do Primeiro Estado Socialista!

Manoel João da Silva, Três Rios, Estado do Rio.

SEU EXEMPLO SERÁ SEGUIDO NO MUNDO INTEIRO

A morte de Stálin causou o mais profundo sentimento no coração de todos os trabalhadores. A grande estrela que iluminava o caminho da paz e da liberdade para o povo trabalhador de todo o mundo foi rudemente apagada. O desaparecimento do mestre e guia genial de todos que lutam

pela liberdade deixou o povo trabalhador na mais profunda consternação e, sem dúvida, provocou o rompimento de tantas lágrimas e soluços entre milhões de trabalhadores que viam em Stálin o porta-voz da paz, o estandarte da liberdade. São pais que não desejam que seus filhos partam pa-

ra morrer numa guerra; são trabalhadores que, com a esperança dada por seus sábios ensinamentos, lutam por sua liberdade e melhores condições de vida; são, enfim, todos aqueles que não querem ser constringidos por uma nova guerra. Todos choram a perda do grande Stálin.

Stálin, o maior, o mais sábio e o mais humano dos homens, deixou-nos, mas seu nome viverá eternamente. No mundo inteiro, seu exemplo será seguido por aqueles que o souberam admirar e aprenderam em suas santas palavras o caminho da justiça, da paz e da liberdade. Viva o nome de Stálin, alento para todas as criaturas de bons sentimentos humanas!

(a) Augusto Tercino Botucatu, S. Paulo

HOMENAGEM EM APUCARANA À MEMÓRIA DE STÁLIN

Como em toda parte, a notícia da enfermidade e do falecimento do camarada Stálin, provocou um grande abalo entre a população de Apucarana. Af, no dia 5 de março, foi realizada uma reunião de homenagem ao grande Stálin. Durante a reunião, os presentes observaram um minuto de silêncio, de pé, em sinal de

profundo pesar. Posteriormente alguns trabalhadores falaram sobre a vida incomparável e o exemplo do camarada Stálin.

Finalmente, os presentes liberaram enviar uma mensagem de condolências ao povo soviético e divulgar a notícia da homenagem por intermédio da VOZ OPERÁRIA.

CRÔNICA INTERNACIONAL

A PUREZA DA JUSTIÇA SOVIÉTICA

Desde o dia 4 do mês corrente o mundo inteiro foi informado de que os 15 médicos acusados de espionagem e de assassinio de destacadas figuras do Governo da URSS e do Partido Comunista da União Soviética foram reabilitados e postos imediatamente em liberdade. Seus caluniadores passaram à condição de presos e estão sendo submetidos a processo.

Isso demonstra, mais uma vez, o alto apreço em que são tidas na União Soviética a pessoa humana e a proteção do indivíduo. Os supostos traidores e assassinos tinham tido seu processo devidamente instruído pelo Ministério competente e não faltaram testemunhas para dar a essa instrução uma aparência de legalidade. Entretanto, o que se viu? O Governo soviético, que não condena sem provas e proporciona a todos os cidadãos justiça rápida e segura, examinou minuciosamente o processo e concluiu pela inexistência de culpa. Sem terem a seu favor qualquer movimento da opinião pública que os encarava como a réprobos, os cientistas injustamente acusados foram imediatamente

te postos em liberdade e voltaram ao exercício de suas altas funções.

Vê-se, pois, a sordide dos pregoeiros do imperialismo quando procuram apresentar os processos na União Soviética e nas Democracias Populares como meras formalidades em que o acusado não tem recursos para escapar à prisão ou à morte. Mesmo os ingênuos ou os envenenados pelas mentiras dos pasquins e das agências telegráficas vêem claramente a falsidade de tais «argumentos».

O ato do Governo Soviético é um ato simples, como simples são a moral e as leis do socialismo. A verdade deve ser dita, mesmo que proclamá-la implique em acusar funcionários, de altos organismos da administração estatal. O Estado socialista, em lugar de esmagar os trabalhadores em benefício de uma minoria de parasitas é, pelo contrário, o instrumento desses mesmos trabalhadores e, por isso, é o escudo da proteção dos indivíduos que não se põem a serviço de exploradores. As pessoas inocentes

não são nunca condenadas pela Justiça soviética.

«Enquanto isso, o que se passa nos países dominados pelo capital? Uma série de processos criminosos estão em pleno vigor, com o absoluto cerceamento do direito de defesa.

Olhemos o caso de Ethel e Julius Rosenberg, inocentes condenados à cadeira elétrica, mediante testemunhos falsos para que o Governo norte-americano possa alimentar a histeria guerreira e o anti-semitismo. Apesar do enorme movimento de opinião pública, em todo o mundo, a favor dessas vítimas da «justiça» dos trustes não foi possível, até agora, conseguir a comutação da pena, nem sequer a revisão do processo.

Olhemos o caso de Jomo Kenyatta, líder do povo de Kenya, preso e processado pelos imperialistas ingleses porque luta pela independência e a felicidade de sua pátria. Ao passo que bombardeiam as aldeias pacíficas, os algozes britânicos julgam secre-

tamente o dirigente negro, não lhe permitindo qualquer assistência jurídica. Nem a imprensa, nem mesmo advogados britânicos obtiveram autorização de presenciar os interrogatórios e o julgamento.

Olhemos, finalmente, o processo de Agilberto Vieira de Azevedo, herói das lutas do nosso povo, torturado pela polícia e condenado num processo farsa, apesar dos protestos dos patriotas.

A lista de exemplos poderia multiplicar-se indefinidamente, pois em todo o mundo, desde que existe, e enquanto existir, a justiça burguesa não tem sido senão um instrumento da violência organizada contra o povo.

Os arautos da mentira procurarão, novamente, «interpretar» os fatos no sentido de criar confusão. Como diz o ditado: «cada qual dá o que tem», e a imprensa dos caluniadores só pode dar calúnias. Mas não se pode tapar o sol com a peneira. O ato do Governo soviético surge com o significado que verdadeiramente tem: a pureza da justiça soviética que é um patrimônio indelével do Poder do povo.

A Sexta Rebaixa Consecutiva Dos Preços na União Soviética

1

1 — Todo o mundo já esperava a notícia de uma nova redução dos preços na União Soviética. Ano a ano, nesta época — fins de março, princípios de abril — o Governo soviético decreta a diminuição dos preços. Desta vez foi em abril. Eis alguns exemplos de redução: café e cacau 50 %, frutas 50 a 60 %, medicamentos 15 %, gasolina 25 % e assim por diante.

— Os povos já se habituaram a considerar os preços dos artigos na URSS como preços destinados infalivelmente a serem diminuídos.
— Ao contrário todos sabem que os preços nos países capitalistas têm que ser olhados como preços que só podem ser elevados.

2 — Por que baixam os preços na União Soviética e sobem nos países capitalistas?

— Porque na União Soviética impera o regime socialista, os meios de produção não estão nas mãos dum punhado de tubarões mas pertencem a todo o povo e são utilizados para satisfazer as crescentes necessidades da população.

— Porque nos países capitalistas o que se visa é o lucro máximo, chegando ao ponto da destruição sistemática de mercadorias e meios de produção, sonhando gêneros que acabam apodrecendo, com o único objetivo de forçar a elevação dos preços.

— Na URSS, o regime socialista levou e leva a um ritmo sem precedentes a produção industrial e agrícola.

Em 1952, a indústria soviética de artigos de consumo corrente produziu: mais de 5 bilhões de metros de tecido de algodão, cerca de 30 % mais que em 1940; 250 milhões de pares de calçados de couro, cerca de 20 % mais do que em 1940; mais de 3.300.000 toneladas de açúcar, quantidade superior em mais de 50 % à de 1940; mais de 380.000 toneladas de manteiga, 70 % mais do que antes da guerra. (Dados do informe de Malenkov).

Aumento da produção agrícola previsto pelas diretivas do IV Plano Quinquenal: 40 a 50 % para os cereais, sendo de 55 a 65 % para o trigo, de 55 a 65 % para o algodão bruto, de 40 a 50 % para as fibras de linho, de 65 a 70 % para a beterraba de açúcar, de 40 a 50 % para a batata, além de duplicar ou triplicar a produção de plantas forrageiras. (Dados do informe de Malenkov).

3 — Desde 1947, apenas dois anos após o término da guerra contra o nazismo, a União Soviética aboliu os cartões de racionamento, revalorizou a moeda e determinou a baixa dos preços.

— As sucessivas rebaixas de preços proporcionaram uma economia anual nas despesas da população de:

- 86 bilhões de rublos em 1947;
- 71 bilhões de rublos em 1949;
- 110 bilhões de rublos em 1950;
- 34,5 bilhões de rublos em 1951;
- 28 bilhões de rublos em 1952.

— Em 1953 — a sexta redução consecutiva de preços permitiu uma economia de 53 bilhões de rublos para a população.

A cotação atual do rublo, tomando o dólar como referência, é de cerca de Cr.\$ 12,50.

Eis dois exemplos do que isso significa na vida do povo:

A FAMÍLIA KOVTUNE

— Próximo a Dniépropetrovsk, na margem esquerda de Dnieper, vive a família Kovtune. As economias feitas nas 5 primeiras rebaixas de preços permitiram à família Kovtune guardar dinheiro suficiente para construir uma casa de 6 cômodos provida de todo o conforto moderno, circundada por um pomar. No ano passado, Iacov Kovtune comprou um automóvel «Pobieda», um aparelho de rádio amador, uma biblioteca, diversos móveis e um bote.

A 4ª rebaixa significará uma economia de 400 a 450 rublos nas despesas de alimentação. Uma grande economia será feita na gasolina, pois, Kovtune gosta de excursões e grandes caçadas. No ano que vem a família Kovtune economizará cerca de 6.000 rublos.

A CASA DE IVAN POGUDKO

— Somente no distrito Stalin, cidade de Kichinev, na Moldávia, os operários e empregados construíram mais de 200 casas próprias.

«Concluirei minha casa muito mais cedo do que eu previra», disse o metalúrgico

Ivan Pogudko, graças à baixa dos preços das ardósias, dos vidros e vidrapas da pintura, etc. Com o dinheiro, assim economizado, comprarei móveis, os quais também diminuiram de 20%. Promoverei a festa da cumieira não em junho como eu pensava, mas no Primeiro de Maio».

A nova rebaixa de preços atesta o florescimento e a força da União Soviética confirmação de sua firme política de paz. Stálin disse:

«Nenhum Estado, nem mesmo o Estado Soviético, poderia desenvolver amplamente a indústria civil, empreender grandiosas obras tais como a construção de centrais hidrelétricas no Volga, no Dnieper e no Amu-Dariá, que necessitam dezenas de bilhões de despesas orçamentárias, prosseguir em uma política de baixa sistemática dos preços das mercadorias de consumo corrente, política que também exige dezenas de bilhões de despesas orçamentárias, investir centenas de bilhões para o reerguimento da economia nacional destruída pelos ocupantes alemães e, ao mesmo tempo, multiplicar suas forças armadas e desenvolver a indústria de guerra. É fácil compreender que tal política insensata conduziria à bancarrota do Estado.»

2

4 — As reduções dos preços na União Soviética contrastam profundamente com o que acontece no Brasil. Agora mesmo o preço do café foi reduzido à metade na União Soviética. No Brasil, em poucos dias, o café subiu de 34 para 39 cruzeiros, preço em vigor em São Paulo, terra do café.

Particularmente nestes dois últimos anos os preços têm subido vertiginosamente. Essas altas caracterizam o governo de Getúlio que prometeu vida barata e carne a 4 cruzeiros.

5 — Por que isto acontece?

Porque o governo de latifundiários e grandes capitalistas realiza uma política de guerra e de entrega do país aos imperialistas americanos. As estradas não são para transportar os gêneros que apodrecem mas para carregar minérios para os arsenais ianques. Aumenta o saque do país, aprofunda-se a dominação estrangeira, a produção civil diminui.

6 — Nosso povo que luta contra a carestia volta-se para o exemplo luminoso do grande país de Stálin. Nosso povo anseia por converter em realidade em nossa pátria as idéias do grande Stálin e, por isso, segue o caminho da luta apontado pelo P. C. B. e terminará pondo abaixo este regime de fome e guerra.

A U. R. S. S. NOS AJUDA A LUTAR CONTRA A CARESTIA MOSTREMOS A VERDADE AO POVO BRASILEIRO

1 — Mostremos a todos, de todas as formas, que a carestia não ocorre em todo o mundo, como diz o hipócrita Getúlio. Na União Soviética a carestia foi abolida para sempre com a abolição da exploração do homem pelo homem. Os fatos estão aí, são inegáveis. Eles ajudam a esclarecer e mobilizar as massas populares.

2 — Divulguemos em milhões de volantes tudo o que se refere à rebaixa de preços na União Soviética, mostremos ao povo o que é a radiosa realidade do socialismo já realizado na URSS. A redução constante do custo de vida na URSS inspira e estimula a luta das massas contra a carestia que esfomeia o nosso povo.

Discurso do Camarada Prestes na Reunião Solene E Extraordinária do C.N. do P.C.B. em Homagem A Memória do Camarada Stálin, Nosso Mestre, Guia e Pai

CAMARADAS!

Sentimos profundamente a morte do camarada Stálin, nosso melhor amigo, mestre e guia incomparável. Mas, comunistas, modestos discípulos de grande Stálin, cabe-nos o dever de saber transformar a nossa dor em energia criadora para prosseguirmos sem desalecimentos pelo caminho que nos indicou Stálin, o caminho da paz e da independência dos povos, o caminho da vitória do socialismo e do comunismo no mundo inteiro.

Com a morte do camarada Stálin aumentaram enormemente as nossas responsabilidades. Sentimo-nos como filhos privados de um pai solícito, sábio e experiente. Sentimo-nos como aprendizes privados do mestre querido e conhecedor

profundo da grande arte de dirigir as massas e levá-las à vitória. Sentimo-nos como soldados que perderam em pleno combate o chefe amado e providente, o comandante genial sob cuja direção nos habituamos a vencer com serenidade os piores obstáculos e a enfrentar com coragem a todos os inimigos.

Nosso Partido tudo deve ao camarada Stálin. Foi sob a direção de Stálin que nosso Partido viveu e cresceu. Só na medida em que fomos capazes de ouvir e assimilar as lições de Stálin conseguimos desenvolver nossas forças e chegar a ser o que hoje somos, a valer o que hoje valemos para o povo trabalhador de nossa terra.

Para avaliarmos, camaradas, a grandeza da nossa vida ao camarada Stálin, é para o povo que nos devemos

voltar. O povo brasileiro, que geme sob o jugo dos imperialistas lanques, sob a exploração crescente dos latifundiários e grandes capitalistas nativos, sabe que tinha em Stálin o seu maior amigo e jamais esquecerá que foi graças a Stálin que se libertou da terrível ameaça de escravização pelo nazi-fascismo. E, se as grandes massas do povo brasileiro confiam em nosso Partido e para ele se voltam na esperança de melhores dias, isto se dá porque ninguém jamais duvidou de que à frente de nosso Partido, indicando aos comunistas brasileiros o caminho da salvação do Brasil, sempre esteve o pensamento genial do grande Stálin.

Isto significa que, agora, privados de Stálin, só conseguimos a merecer a confiança de nosso povo na medida em que fomos capazes de prosseguir sem vacilações pelo caminho que o camarada Stálin nos indicou, em que sabemos honrar o legado precioso que o camarada Stálin nos deixou.

Sabemos defender, camaradas, com firmeza e consequentemente, a posição internacionalista de nosso Partido, de solidariedade e apoio ao movimento operário revolucionário mundial e à luta dos povos contra a opressão imperialista e pela independência nacional. Seguindo as lições do camarada Stálin, os comunistas brasileiros jamais esquecerão que defender a URSS sem reservas, sem hesitação, sem quaisquer condições, é defender a base do movimento revolucionário mundial, é impulsionar para adiante este movimento, é ser internacionalista de verdade. Apoiar a política de paz do grande Partido Comunista da União Soviética é apoiar ao nosso próprio povo em sua luta pela manutenção da paz, é, antes de tudo, defender os supremos interesses da nação brasileira contra a política de guerra, de fome e reação de governo de traição nacional de Vargas. Por sermos internacionalistas, por ouvirmos as lições de Stálin, subimos lutar consequentemente contra o nazismo e já em 1946 dirigimos ao nosso povo o apelo histórico no sentido de jamais participar de qualquer guerra contra a União Soviética. E é por isto, por sermos internacionalistas e procurarmos aplicar os ensinamentos do camarada Stálin, que o povo confia em nosso Partido e para ele se volta na esperança de melhores dias.

Nosso Partido é o Partido da independência nacional, é o único que defende de maneira consequente a soberania do Brasil contra a brutalidade da exploração imperialista. Sabemos erguer bem alto esta bandeira e, para dirigir com acerto a luta de nosso povo pela independência e a soberania da pátria, procuramos assimilar os ensinamentos do camarada Stálin sobre a questão nacional e colonial, procuramos conhecer suas magistrais lições ao povo chinês e a todos os povos que lutam contra o colonizador imperialista, e levar à prática seus sábios conselhos. Sem uma revolução triunfante, sem a derrocada do governo de latifundiários e grandes capitalistas serviços do imperialismo e sua substituição pelo novo Poder da democracia popular, é impossível libertar nosso povo do jugo imperialista. Esta a primeira grande lição do camarada Stálin que não podemos jamais olvidar. Mas, como nos ensina ainda o camarada Stálin, a revolução democrática popular nos países coloniais e dependentes tem forçosamente duas etapas. Em nosso país, na etapa atual, a revolução é agrária e anti-imperialista, não toca nas raízes do capitalismo, visa realizar as tarefas da revolução democrático-burguesa que não foram levadas a termo e cria as condições para a passagem à segunda etapa da revolução de caráter socialista. Só a justa compreensão destes ensinamentos do camarada Stálin permitirá ao nosso Partido enfrentar com acerto o importantíssimo problema dos aliados do proletariado e construir em torno de um justo programa o ampla frente única democrática e anti-imperialista que é o instrumento indispensável ao triunfo da revolução. Sabemos, pois, unir e organizar as imensas forças sociais que em nosso país podem participar da luta contra o opressor estrangeiro e que se estendem desde os operários e camponeses até a burguesia nacional, incluindo todas as forças democráticas, patrióticas e progressistas da nação. O povo confia em nosso Partido porque conhece e admira a posição consequente e firme dos comunistas na luta contra o opressor lanque e volta-se para nós na esperança de melhores dias, porque acredita em nossa fidelidade às ideias de Stálin, porque espera que

sejam capazes de assimilá-las por completo e de realizá-las com acerto, de aplicá-las às condições específicas de nosso país.

Nosso Partido é o único que luta consequentemente pela entrega da terra aos camponeses, o único que sempre apoiou as lutas das massas trabalhadoras do campo contra a brutalidade da exploração semi-feudal e semi-escravagista que se acham sujeitas em todo o país, o único que reclama o confisco das grandes propriedades latifundiárias e sua distribuição gratuita entre as amplas massas de camponeses e de assalariados agrícolas. O camarada Stálin nos ensina que quem luta pelo Poder e se prepara para tomá-lo tem obrigação de cuidar atentamente do problema de seus aliados e que o principal aliado da classe operária, em país como o nosso, é a massa camponesa que constitui a maioria esmagadora da nação. Na aliança operário-camponesa — mostra-nos ainda o camarada Stálin — está o alicerce da frente única democrática e anti-imperialista capaz de salvar o Brasil da crescente colonização pelos imperialistas lanques. Construtor do socialismo na URSS, deu o camarada Stálin com o sistema colocado uma solução final e definitiva ao problema camponês, que abre aos camponeses trabalhadores do mundo inteiro a perspectiva de uma vida próspera e feliz, livre para sempre da miséria, do atraso e da ignorância em que durante séculos vegetaram sem qualquer esperança todos aqueles que se dedicam ao trabalho da terra. Muito precisamos ainda fazer para arrancar os camponeses brasileiros da influência escravizadora de seus exploradores, para despertá-los para organizá-los e levá-los à luta pelos seus interesses imediatos, pela liquidação das sobrevivências feudais no campo e pela livre posse da terra, para realizarmos enfim a aliança operário-camponesa em nosso país. Nossa tarefa é, no entanto, facilitada, porque os camponeses brasileiros vêm em nosso Partido o único capaz de lhes assegurar a vida feliz que alcançaram sob a direção do grande Stálin os trabalhadores colossais da União Soviética. Sabemos, pois, seguir as lições de Stálin, reforçando a nossa atividade no campo para darmos às grandes massas camponesas a direção política que elas aguardam de nosso Partido na esperança de alcançarem melhores dias com a posse gratuita da terra e lhes abra o caminho para uma vida próspera e feliz.

Fiel aos ensinamentos do grande Stálin, nosso Partido sempre lutou e luta pela manutenção da paz, contra a política agressiva e guerreira dos incendiários de guerra imperialistas e seus agentes e lacaios em nossa terra. «A paz será mantida e consolidada — ensina o camarada Stálin — se os povos tomarem em suas mãos a causa da manutenção da paz e a defendem até o fim». Seguindo os ensinamentos do camarada Stálin conseguimos despertar a milhões de brasileiros e mobilizá-los para a defesa da paz, para a luta constante contra a política de guerra e traição nacional dos lacaios do imperialismo em nossa terra. Fizemos da luta pela paz a tarefa central e decisiva de nosso Partido e, fiéis aos conselhos do camarada Stálin, temos conseguido desmascarar as mentiras com que os incendiários de guerra procuram enganar as massas, confundir e arrastá-las a uma nova guerra. As mãos brasileiras que defendem as vidas de seus filhos confiam em nosso Partido porque sabem que ele segue fielmente os ensinamentos do grande Stálin, camarada, querido e venerado como o porta-bandeira da paz no mundo inteiro. Pelo mesmo motivo voltam-se para nosso Partido os jovens que não querem ir morrer na Coreia e as pessoas simples de todas as classes e camadas sociais que odeiam a guerra e desejam a paz entre os povos. E' certo, no entanto, que, se soubermos assimilar os ensinamentos do camarada Stálin sobre o caráter e os objetivos do atual movimento em defesa da paz para aplicá-los com acerto em nosso país, muito ainda poderemos fazer para ganhar novos e novos milhões de compatritotas para a causa da paz e para a luta livre e organizada contra a política de guerra e traição nacional dos agentes dos incendiários de guerra em nossa terra. Milhões de partidários da paz voltam-se para o nosso Partido e procuram e aceitam suas diretrizes porque confiam nos ensinamentos sempre fiéis aos ensinamentos do grande Stálin, cujas mãos esteve por tantos anos o grande estandarte da causa da paz entre os povos.

Camaradas! O povo brasileiro sentiu profundamente a morte do camarada Stálin e, neste momento, mais do que nunca, volta-se confiante e na esperança de melhores dias



para o nosso Partido, para aqueles que, como nós, têm a honra insigne de pertencer ao grande exército de Lênin e Stálin. Nosso dever é dirigí-lo, guiá-lo firmemente, elevando bem alto a bandeira que nos indicou o camarada Stálin, a bandeira da paz, da liberdade e da independência nacional.

Sabemos, camaradas, o quanto avançou o movimento operário revolucionário do mundo inteiro nos últimos trinta anos, sob o comando genial de Stálin. A gloriosa União Soviética vieram agregar-se as novas «brigadas de choque» do movimento operário revolucionário mundial, formando o invencível campo da paz, da democracia e do socialismo que se estende agora desde a China e a Coreia até a Tchecoslováquia e a Hungria. Como nos advertiu o camarada Stálin, o tarefa dos comunistas no mundo inteiro tornou-se agora mais fácil e existem todas as condições para contar com maiores êxitos em nossa atividade revolucionária. Isto significa, portanto, que se não avançamos com maior rapidez, se ainda sofremos reveses e derrotas, devemos procurar as origens de nossos insucessos, antes de tudo, em nós mesmos, em nossos próprios erros e debilidades, a fim de reforçar o nosso Partido e colocá-lo efetivamente à altura das tarefas históricas que deve realizar, à altura da confiança que nele depositam as grandes massas de nosso povo.

O camarada Stálin não foi apenas o comandante insigne do proletariado revolucionário do mundo inteiro, foi o teórico incomparável que enriqueceu com novas e geniais descobertas o alicerce do marxismo-leninismo, deixando, ao morrer, nas mãos do proletariado revolucionário um tesouro inestimável, as armas teóricas que a todos nos permitem

lutar vitoriosamente com os inimigos da humanidade. Sabemos fazer de seus ensinamentos um guia para a ação, estudando profundamente sua obra genial, assimilando-a para aplicá-la com acerto às condições específicas de nosso país. Para reforçar o nosso Partido precisamos estudar particularmente a contribuição genial do camarada Stálin à teoria de Lênin sobre o Partido. E ao fazer esforços para elevar o nível teórico de nossos dirigentes e militantes temos sempre presente que, como nos ensina Stálin, é o marxismo inimigo de qualquer dogmatismo: «O marxismo — escreveu o camarada Stálin — é a ciência das leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade, a ciência da revolução das massas oprimidas e exploradas, a ciência da vitória do socialismo em todos os países, a ciência da construção da sociedade comunista. O marxismo, como ciência, não pode estagnar; desenvolve-se e aperfeiçoa-se».

Modestos discípulos do grande Stálin, sabemos, camaradas, ser fiéis aos seus ensinamentos porque só em torno dos grandes princípios por que Stálin viveu e lutou poderemos consolidar a unidade de nosso Partido, só lutando pelas ideias de Stálin conseguiremos estreitar as ligações de nosso Partido com as massas oprimidas e exploradas e levar nosso povo à vitória.

Gloria a Stálin! Seu nome está indissoluvelmente ligada a toda a atividade de nosso Partido, à história de nosso povo. Quando nosso povo puder festejar a vida livre e feliz que alcançará, o nome de Stálin estará mais vivo do que nunca nos lábios das crianças, no coração de todas as mães brasileiras, na memória de todo o nosso povo».



A União Soviética Aponta o Caminho da Paz

POLÍTICA STALINISTA DE MANUTENÇÃO DA PAZ E DA COOPERAÇÃO ENTRE TODOS OS POVOS — NUNCA FOI MAIOR A FÓRÇA DO GRANDE CAMPO DA PAZ, APOIADO NA U. R. S. S. E NOS PAISES DO CAMPO DEMOCRÁTICO — TODO APOIO ÀS INICIATIVAS SOVIÉTICAS

Com uma série de atos concretos, que são um desdobramento da sábia política stalinista de manutenção da paz, o Governo da U. R. S. S. põe em xeque os incendiários da guerra. Os meios dirigentes dos Estados Unidos e da Inglaterra viram-se mais uma vez na contingência de fazer das tripas coração: eles tiveram de confessar que lhes era impossível desconhecer as medidas soviéticas visando a salvaguardar a paz e a segurança internacional; tiveram de proclamar que era preciso dar uma satisfação aos povos e mostrarem-se dispostos a negociar.

Assim, e massacradores de povos que supunham que a morte de Stálin, o sábio guia e dirigente dos trabalhadores do mundo inteiro, lhes permitiria tomar a iniciativa política e desencadear rapidamente uma nova guerra foram acuados.

O Partido Comunista da União Soviética e o Governo Soviético retiraram aos propagandistas da guerra uma série de argumentos com que procuravam embair as massas.

Desde seu discurso de posse, Malenkov reafirmou de maneira inretorquível que a política da União Soviética permanecia a de sempre: a política stalinista de manutenção da paz e da cooperação entre todos os povos, independentemente do regime político em que vivessem. Nascida sob o signo da paz, a URSS continuaria sempre a defender a paz.

Procurando criar um clima de tensão internacional ainda mais agudo, os imperialistas norte-americanos e britânicos após a morte de Stálin, mandaram novamente seus navios violarem seguidamente o espaço aéreo soviético, da Tchecoslováquia e da Alemanha Oriental. Como não podia deixar de suceder, os violadores foram punidos pela aviação desses países. Mas, dearmado os provocadores, o governo soviético propôs, imediatamente, aos ingleses a realização de uma conferência para prevenir novos incidentes aéreos. O desarmamento desses entendimentos permitiu uma ampliação da conferência que passou a compreender os representantes das quatro potências signatárias dos

acórdos concluídos, durante a guerra, sobre a Alemanha.

Fazendo sua a proposta sino-coreana relativa à troca dos prisioneiros de guerra e à conclusão de um armistício na Coreia, os soviéticos deram a essas propostas uma ilimitada importância internacional e tornaram impossível para os agressores da ONU esquivarem-se a comparecer à barraca de conferências de Pan Mun Jon. O discurso de Molotov em apoio da proposta apresentada por Chu En-Lai projeta, ao mesmo tempo, a questão coreana a um plano internacional mais elevado, e abre mais amplas possibilidades de acórdos.

A unificação da Alemanha, mediante eleições gerais e a retirada definitiva das potências ocupantes, dentro do espírito dos acordos de Teerã, Ialta, e Potsdam é outra proposta de máxima importância sobre a qual insistiram recentemente os dirigentes soviéticos.

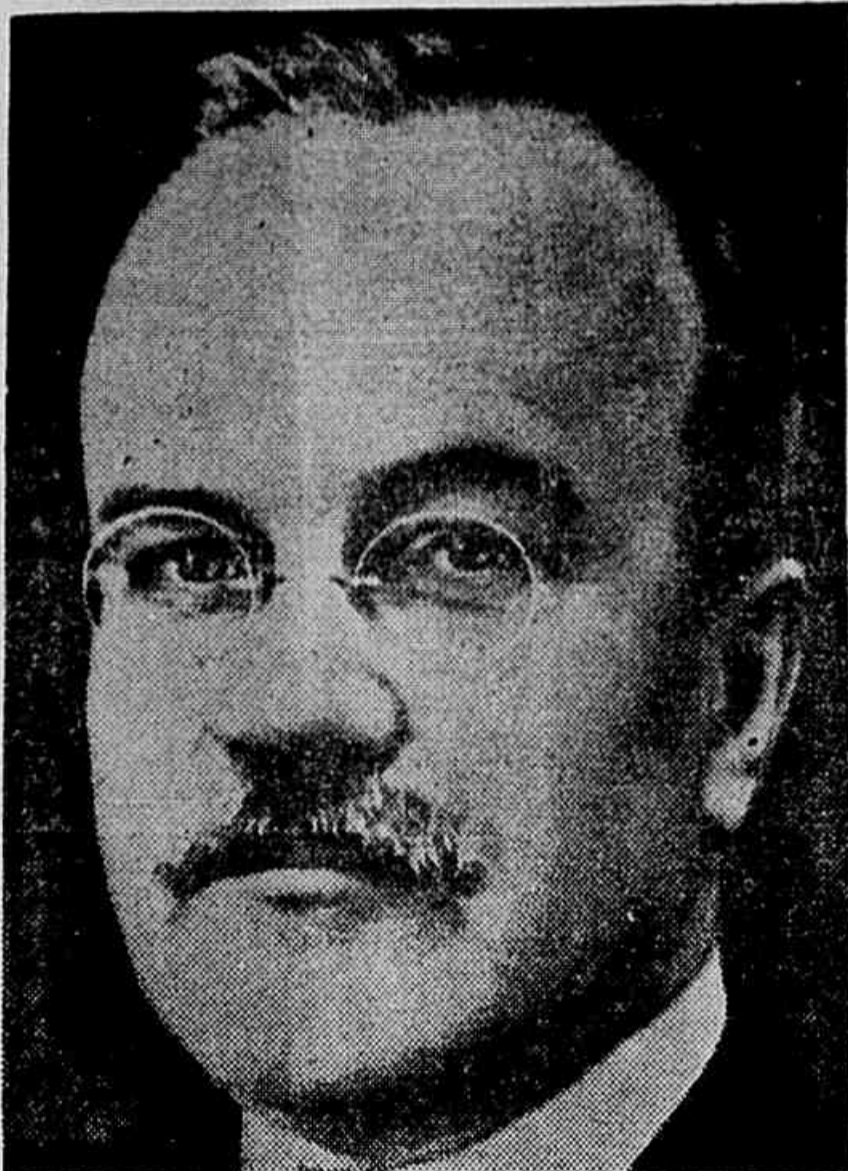
Assim, em todos aspectos da política internacional, o governo da União Soviética desenvolve uma intensa atividade em defesa da paz. Isso não é novo, como se sabe.

Desde 1917, quando promulgou seu célebre «Decreto sobre a paz» a URSS tem sido a defensora poderosa e inflexível da política destinada a evitar a guerra. Toda a política internacional soviética se baseia no princípio de que é possível a coexistência pacífica dos sistemas e regimes diferentes, com a condição única de que haja respeito mútuo e vontade sincera de colaborar. Nunca, nem nos momentos mais difíceis, foi desprezada pela União Soviética qualquer possibilidade de contribuir para o alívio da tensão internacional, para conter os agressores e salvar a independência e a felicidade dos povos. Assim, desde que encontrou acolhida favorável, a URSS enviou aos Estados Unidos um de seus representantes diplomáticos mais categorizados, Litvinov, que negociou com o falecido presidente Roosevelt o estabelecimento de relações diplomáticas entre a URSS e os EE. UU.

Para evitar uma segunda guerra mundial, a URSS entrou na Liga das Nações, onde revelou-se a única potência a defender realmente a causa da paz. Quando a segurança coletiva ruíu e as potências ocidentais entregaram a Tchecoslováquia à sanha de Hitler, o representante soviético na

Liga, Litvinov pronunciou um discurso que era todo uma plataforma de defesa da paz e de desmascaramento dos agressores nazistas e de seus associados franceses e ingleses. A retirada da delegação soviética da Liga das Nações foi justamente uma consequência dessa política de traição aos povos, por parte das potências ocidentais, política que só poderia conduzir como de fato conduziu, à traição de Munich.

Nunca, em toda a sua história, a URSS recusou assinar tratados de não agressão com qualquer potência que fosse. Mesmo com a Alemanha nazista, embora fosse conhecida de todos a nenhuma importância que davam os hitleristas à palavra empenhada o se recusou a assinar um acordo de paz que desbaratou os planos britânicos de afirarem desde 1939 Wehrmacht contra a pátria do socialismo e deu a



O discurso de Molotov projeta a questão coreana a um plano internacional mais elevado e abre mais amplas possibilidades de acórdos

Durante a guerra e depois dela, a URSS continuou a ser o maior defensor da independência dos povos. Sua participação decisiva no conflito abriu a todas as nações, inclusive às nações derrotadas, a possibilidade de construir uma vida democrática e feliz. Até então, os vencedores sempre tratavam de espoliar os vencidos e esmagar sua independência nacional. A presença da URSS obrigou, porém, os

ingleses e americanos a assumirem compromissos solenes relativos à independência e a democratização da Alemanha e do Japão.

Na ONU, desde a sua fundação, a URSS tem sempre insistido por medidas visando o desarmamento, a proibição das armas de destruição em massa, a conclusão de um Pacto de Paz entre as grandes potências e o ativamento do comércio e das relações culturais entre todos os Estados.

Desde o seu nascedouro, portanto a política internacional da União Soviética segue os mesmos rumos leninistas-stalinistas, desenvolve-se ininterruptamente no mesmo sentido pacífico. Todas as recentes propostas soviéticas, todas as importantes declarações de seus dirigentes já foram, em diferente tempo, feitas e proclamadas.

Mas, hoje, há fatores novos que dão aos recentes passos do Governo Soviético uma importância ainda maior. O recrudescimento da crise norte-americana põe na ordem do dia dos grandes trustes, como necessidade premente e imediata, a extensão do conflito coreano; à frente do governo dos Estados Unidos estão os próprios presidentes dos trustes que transformaram o governo atual em mero agente executivo da diretoria dos monopólios. Isso, portanto, aumenta ainda mais o perigo de uma agressão aos povos, o perigo de um conflito mundial.

Em compensação, nunca foi maior a força do grande campo da paz, apoiado na União Soviética e nos países do campo democrático. A escravização dos povos europeus e a remilitarização da Alemanha, a derrota dos invasores na Coreia e a luta irreprimível dos povos coloniais e dependentes aguçam as contradições entre os Estados imperialistas, tornam ainda mais fraco o campo anti-democrático e criam as premissas para que os povos possam impor a paz. A URSS criou todas as condições para que essas premissas possam ser desenvolvidas.

O coração dos trustes, que é a Bolsa de Wall Street, está em sobressalto. As ações, à simples notícias das propostas coreanas e chinesas caíram, com a mesma velocidade com que se elevaram há quase três anos atrás, quando Truman ordenou a invasão.

Isto revela a fraqueza do imperialismo agressor. Se não fosse possível aos povos impor a paz os diretores das companhias armamentistas não estariam tão inquietos, suas ações não estariam descendo de preço.

Mas isto revela, também, que seria sumamente ingênuo supor que os que lucraram com

a guerra estejam indistintos a de boa-vontade, sofrer as tristes consequências que para eles poderá ter a paz. Os dirigentes da grande indústria americana tudo farão para sabotar a negociações, impedir qualquer acórdo, ampliar o conflito e seus lucros pessoais.

Um apoio ativo às iniciativas soviéticas é, portanto, o que a situação exige de todo homem de bem. Esse apoio será prestado pelos povos que sabem que a paz será mantida e consolidada se eles tomarem em suas mãos a causa da defesa da paz e a mantiverem até o fim.

7 DIAS NO BRASIL

Dia 1 — Vitoriosa a greve parcial dos portuários do Rio, após 52 dias de paralisação do trabalho extraordinário.

— Centenas de flagelados invadem a cidade de Tauá, no Ceará, exigindo comida.

— Escandalosa intervenção americana nos negócios internos do Brasil revelada por um jornal político do Rio: o governo americano sustou o embarque 155.000 sacos de açúcar no navio inglês «Hartemiere», sob a alegação de que a mercadoria se destinava à China.

Dia 2 — Ameaçando recorrer à greve, os textéis de Recife derrotaram o governo, obrigando-o a revogar a portaria de intervenção em seu sindicato, expedida sob o pretexto fascista de que o dirigente sindical Wilson Barros Leal participara do IV Congresso da CTAL.

— Por intermédio do Centro XI de Agosto, protestam os universitários paulistas contra os atos de violência e selvageria praticados pela polícia contra os operários em greve.

Dia 3 — Grevistas metalúrgicos e tecelões de São Paulo, em assembléia geral, rejeitam a proposta do «mediador» Garcez, que oferecera a ninharia de um aumento de 23 %, quando os operários precisam de mais 60 % para viver. Nesse dia, a greve atinge a 1.100 empresas e dela participam 160.000 trabalhadores

— Revela-se que o Estado do Ceará encontra-se em bancarota. A arrecadação desce a níveis nunca vistos e não há dinheiro para pagar o funcionalismo.

Dia 4 — Revela o prefeito de São João do Piauí que 600 chefes de família daquela localidade abandonaram seus lares em busca de comida, sem que o governo tenha tomado qualquer providência para socorrê-los.

— No Ceará, o juiz de Limoeiro, em vez de comida pede ao governador reforços policiais para «atender» aos flagelados que invadem a cidade.

Dia 5 — Carta Aberta ao Senado assinada por sete generais e um desembargador, em nome do CEDPEN, denunciando mais uma vez o caráter entreguista da «Petrobrás» e exigindo sua rejeição, em nome da soberania nacional.

— Uma multidão de flagelados, em Camocim, invade a Prefeitura local, apreendendo os gêneros que se encontravam nos depósitos da prefeitura. O prefeito, que sonhava o alimento, tentou resistir aos flagelados, mas foi surrado.

Dia 6 — Vinte mil vidreiros, após uma assembléia geral de seu sindicato, aderem à greve em São Paulo, exigindo aumentos até 60 %.

Dia 7 — Em Sorocaba, 13.000 operários textéis realizaram uma greve de vinte minutos em sinal de solidariedade a seus irmãos da capital de São Paulo.

— Os textéis, paulistanos em assembléia, decidem continuar em greve e repelem as ameaças e as «propostas» de Garcez de «voto secreto». Tudo será decidido abertamente diante da massa — resolvem.

— Dolar a Cr\$ 49,70. Vale cada vez menos a moeda do Brasil, graças a Getúlio...

AOS NOSSOS LEITORES

Solicitamos encarecidamente dos leitores que nos enviem, para completar a coleção um ou mais exemplares do matutino «Imprensa Popular» publicados em 1951. Para mais dados: 23 de janeiro — 7 de março — 25 de maio — 3 de junho — 21 de agosto — 23 e 29 de outubro — 5 e 8 de novembro — 5 e 15 de dezembro. A Redação

MEDIDAS DE GUERRA E MAIS FOME PARA O POVO MARCHAM LADO A LADO COM O ACÓRDO MILITAR

A se encontra numa comissão do Senado o famoso «Acôrdo Militar Brasil-Estados Unidos». Sua ratificação na Câmara, pelo voto de 135 deputados paulistas e traidores, foi feita contra a vontade expressa de milhões de brasileiros. Em concorridos comícios, em passeatas, conferências, através de assinaturas em cartas, telegramas, mensagens, memoriais, aos deputados e ao povo demonstrou sua repulsa ao Acôrdo. A Convenção Nacional recentemente realizada nesta Capital foi o coroamento dessas manifestações populares e tomou importantes resoluções para o prosseguimento da luta contra o Acôrdo. Entre essas resoluções figura a que institui o «Mês de Tiradentes para as grandes lutas pela independência nacional».

NOVAS MANOBRAS GUERREIRAS

Por outro lado, porém, novas medidas são tomadas

pela embaixada americana e pelo Catete para a aprovação do Acôrdo e a intensificação da preparação guerreiras. Ainda agora, acaba de regressar dos Estados Unidos o ministro da guerra de Getúlio, general Ciro Cardoso. Como um pequeno títere do general Beiberlinger, chefe da Missão Militar Americana do Brasil, Ciro visitou numerosos centros militares ianques. Ouvido pela imprensa americana, o «quisling» declarou-se extasiado com o que viu e num arroubo chegou mesmo a confessar que os métodos de treinamento do nosso Exército «se baseiam ao máximo nos moldes das forças armadas americanas». É uma declaração descaradamente favorável ao Acôrdo Militar, que, se aprovado, importaria não somente a sujeição das forças armadas brasileiras aos métodos de treinamento e aos armamentos das forças armadas ianques, mas também o próprio comando ianque.

MAIS DESPESAS DE GUERRA

Anuncia a imprensa guerreira que se acha em vias de conclusão o contrato com uma firma holandesa para a instalação de uma grande fábrica no Brasil. Não produzirá tratores, nem caminhões, nem vagões navios ou máquinas que tragem benefícios ao povo. Seu objetivo é produzir aviões militares de vários tipos, entre os quais aparelhos a jato. Após a sordida negociação conduzida pelo agente ianque Nero Moura, em que foram trocados aviões a jato ingleses por algodão brasileiro, a presente transação é uma nova medida guerreira planejada pelo governo de Getúlio. Trata-se da fábrica de aviões «Foolkers», que em quatro anos deverá produzir duzentos aparelhos de três tipos diversos, os quais custarão ao Brasil nada menos de 335 milhões de cruzeiros. São, portanto, novas centenas de milhões de cruzeiros que o governo dedica a fins

de guerra, quando o nosso povo passa fome, reclama a baixa dos preços — como o fazem os heróicos operários paulistas — luta por hospitais, escolas, transportes. Também essa aplicação do dinheiro do povo para fins de guerra é uma exigência do Acôrdo Militar. Efetivamente, no seu artigo X, parágrafo 2º, diz o Acôrdo: «Tanto quanto permitam os recursos humanos, riquezas naturais, facilidade e estado geral econômico do país, o Governo dos Estados Unidos do Brasil contribuirá plenamente, de maneira compatível com a sua estabilidade política e econômica, para o desenvolvimento e manutenção do seu próprio poder defensivo, do poder defensivo do Hemisfério Ocidental e do Mundo Livre, e tomará todas as medidas razoáveis que possam ser necessárias para desenvolver a sua capacidade defensiva.»

É evidente que as referências à «estabilidade política e

econômica» e outras, de que fala o Acôrdo são apenas para enganar os menos avisados. Será que o país atravessa uma fase de facilidades econômicas? Será que não existem, neste momento, milhões de brasileiros passando fome, sede e a mais negra miséria no Nordeste? Será que em todo o país não se eleva um clamor contra o asfixiante custo da vida? Apesar de tudo isso, o contrato para fabricação de aviões de guerra está em vias de ser firmado.

PROSEGUE, TAMBEM, A LUTA DO POVO

A vigilância popular, contudo, não arrefece. Cumprindo resoluções da Convenção Nacional contra o Acôrdo, comícios, atos públicos e outras demonstrações, estão sendo realizados ou programados em todo o país. No Rio Grande do Sul, além de numerosos comícios, se realizará a

21 de abril uma convenção contra o Acôrdo em Uruguaiana, da qual participarão delegados de mais de vinte municípios.

Nesta Capital, na próxima sexta-feira, dia 17, durante uma concentração popular no Senado, uma comissão de personalidades fará entrega de milhares de assinaturas coletadas em todo o país. E a 23 terá lugar na Esplanada do Castelo o grande comício contra o Acôrdo Militar, para o qual se mobilizam desde já milhares de patriotas.

A luta contra o Acôrdo pode e deve ser vitoriosa. O imperialismo ianque pode ser derrotado e diariamente sofre derrotas. O exemplo desse pequeno e heróico povo da Guatemala, que, depois de se ter recusado a assinar o mesmo Acôrdo Militar, vem de retirar-se da organização guerreira dos Estados Centro-Americanos, estimula os patriotas brasileiros para a luta e a vitória contra o Acôrdo Militar.

MEDICINA NO BRASIL: Meio de vida, ou meio de morte?

Depois da Jornada Nacional de Protesto, movimento sem precedentes no país, preparam-se os médicos para novas e mais vigorosas campanhas

NO DIA 31 ÚLTIMO, cerca de 15.000 médicos dos serviços federais e autárquicos deixaram de comparecer às repartições em que trabalham. Desta feita, o protesto dos médicos, que a 14 de outubro de 1952 se limitara ao Distrito Federal, assumiu o caráter de uma vigorosa «Jornada de Protesto» nacional, movimento sem precedentes entre as chamadas profissões liberais do país. Nesse dia, não compareceram ao serviço os médicos do Amazonas, Pará, Ceará, Piauí, Paraíba, Rio Grande do Norte, Pernambuco, Estado do Rio, Espírito Santo, Goiás, São Paulo e Distrito Federal. Nos demais Estados, embora comparecendo às repartições, os médicos manifestaram por outras formas o seu protesto. Tal se deu, por exemplo, no Rio Grande do Sul, onde a Associação Médica gaúcha lançou uma proclamação apoiando a «Jornada». Em Alagoas, foi hasteada uma bandeira negra a meio pau e sede da Associação Médica, em sinal de protesto. Por outro lado, mesmo onde não houve interrupção do trabalho, milhares de médicos protestaram deixando de assinar o livro de ponto.

Pode-se dizer, assim, que o protesto abarcou todo o corpo médico que trabalha para o govêrno. Mais ainda, em diversos Estados, participaram do movimento, inclusive faltando ao serviço, os médicos que são funcionários estaduais ou municipais, como aconteceu, por exemplo, em São Paulo, no Estado do Rio e no Ceará.

DERROTADO O GOVERNO-PATRÃO

No Distrito Federal, os médicos tiveram de enfrentar uma insidiosa e organizada campanha de calúnias e a ação do govêrno no sentido de fazer fracassar o movimento. Não obstante, 75% dos médicos funcionários deixaram de comparecer ao serviço e milhares de outros não assinaram o «ponto». A paralisação foi praticamente total em grandes concentrações médicas como o Hospital dos Servidores do Estado, com 220 profissionais, o IAPC, com 180, o Serviço Nacional de Doenças Mentais com 150. Na Capital, como sucedeu, aliás em alguns Estados, também participaram do movimento,

solidarizando-se com seus colegas explorados pelo govêrno, os corpos médicos de instituições particulares, como a Beneficência Portuguesa, o Hospital da Ordem Terceira, o Hospital São João Batista, o da Gamba e outros.

Não foi menor o êxito alcançado nos Estados. Basta referir que, em São Paulo, mais de 90% dos médicos cruzaram os braços e, no Estado do Rio, apenas 7, em 500, compareceram ao serviço.

GANHAM MENOS DE UM TERÇO DO QUE PRECISAM

O que querem os médicos? Querem a equiparação de

seus vencimentos ao que percebem os médicos da Prefeitura do Distrito Federal, isto é, desejam ser classificados na letra «O», com direito a um aumento de 20% sobre seus vencimentos cada quinquênio, durante cinco quinquênios.

A situação dos médicos é, atualmente, insustentável. A grande maioria percebe Cr\$ 4.300,00 mensais (letra «K»). A ascensão à letra «O» representa o final da carreira a que pode aspirar um médico após vinte anos de serviço. A grande maioria, porém, jamais chega a «O». Além disso, grande número de médicos são funcionários extranumerários, classificados na «referência 27» (Cr\$ 4.300,00 mensais). Entre estes é ainda muito mais difícil chegar a «O», já que os extranumerários não estão sujeitos nem mesmo aos critérios de promoção que regem a carreira dos efetivos.

Evidentemente, tais vencimentos não permitem aos médicos viver de maneira condigna e desempenhar a contento sua missão de curar. Ainda em 1950, a Associação Paulista de Medicina, de acôrdo com os estudos feitos por sua Comissão de Defesa Profissional, chegou à conclusão de que, na capital de São Paulo, um médico casado, dois filhos, para viver decentemente e poder se consagrar por inteiro à profissão teria de perceber Cr\$ 16.000,00 mensais. Que dizer, então, dos chefes de família

que, com 4 ou 5 filhos com o brutal encarecimento da vida destes últimos dois anos, ganham apenas Cr\$ 4.300,00?

A MEDICINA COMO MEIO DE MORTE

Assoberbados pelas dificuldades, os médicos são obrigados ainda a trabalhar em condições absolutamente impróprias tanto para si como para os doentes. Por exemplo, em certos serviços do D. N.S.P. e dos Institutos, os médicos são obrigados a atender a um grande número de doentes que a miséria e os baixos salários fazem aumentar cada dia mais. Resulta que, num determinado exame, em que o médico, durante três horas, teria de atender a 6 doentes, dedicando pelo menos 15 minutos a cada um, é ele obrigado a atender 18, quer dizer, a trabalhar três vezes mais e a dispensar aos doentes menos atenção do que a necessária. Por outro lado, não podendo viver dos vencimentos, muitos médicos procuram trabalhar em instituições particulares ou em seus próprios consultórios. Ficam, assim, sobrecarregados, sem tempo para desenvolver seus conhecimentos, e sujeitos a um desgaste a que muitos não podem resistir durante anos a fio. Mas, nem mesmo tal «solução» resolve: nos hospitais particulares, inteiramente comercializados, pagam uma ninharia; por incrível que pareça, existem chefes de serviços ganhando Cr\$ 500,00 a Cr\$...

700,00 por mês. Quanto às clínicas particulares, segundo o testemunho de diversos doutores, estão na maioria em bancarota, tal a redução do poder aquisitivo da população que se processou nos últimos anos.

MAIS VIOLENTOS QUE OS MICROBIOS

O govêrno — espoliador de Getúlio apoiado pela imprensa dos trustes, lança mão de todos os sofismas e expedientes para não atender às aspirações dos médicos. São «argumentos», como o de que os médicos são «desalmados», traem o «juramento de Hipócrates», etc., deixando os doentes sem assistência. Ora, durante a jornada, todas as providências foram adotadas para que fossem atendidos os casos urgentes; aliás, nesse dia, vigorou simplesmente o regime que vigora aos domingos e feriados nos hospitais do govêrno e que reinou durante três dias na Semana Santa. Por outro lado, esquecem deliberadamente os autores de tais sofismas que milhões de brasileiros estão

privados permanentemente de médicos, em virtude do regime social em que vivemos, de atraso, ignorância e pobreza. Fingem ainda ignorar que o govêrno do Brasil gasta mais da metade do orçamento em despesas militares e com a polícia, enquanto cabe à Saúde Pública uma ninharia dedicada. Os que hoje insistem no «abandono» dos doentes são os mesmos que pregam abertamente a morte de milhares de jovens brasileiros na guerra imunda contra o povo coreano.

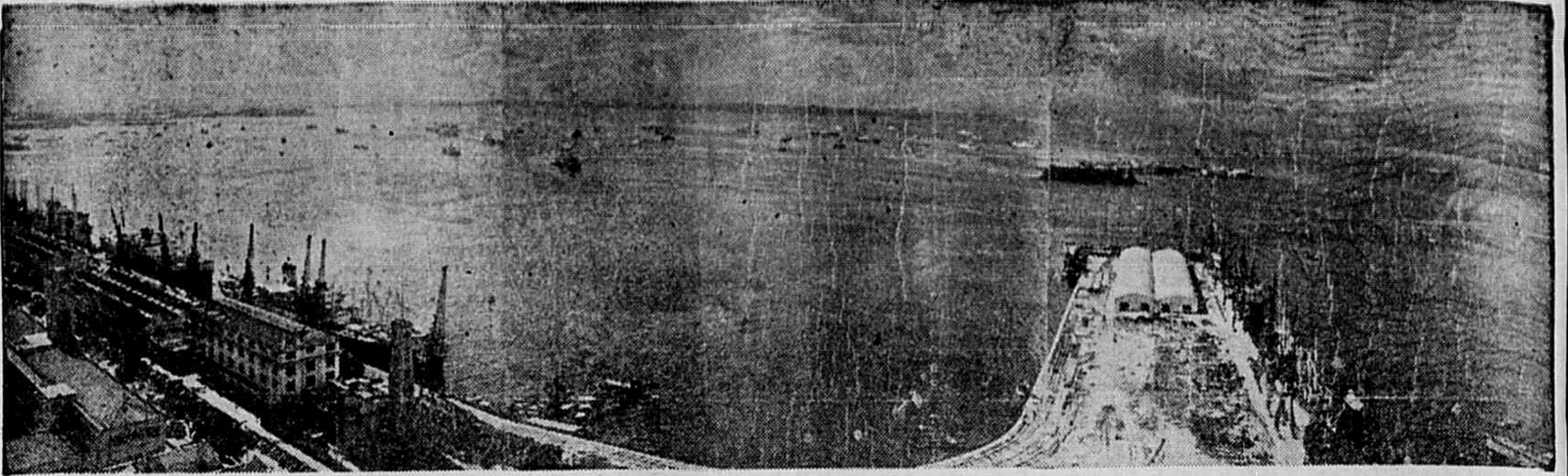
Outro recurso visando intimidar os médicos, é o de dizer que o Estatuto dos Funcionários proíbe a greve, sem levar em conta a existência de outro «estatuto» — a Constituição — que consagra esse direito. E mesmo que tal direito não tenha sido ainda «regulamentado», como querem os juristas de fancaria do DASP, essa «regulamentação» jamais poderia invalidar o próprio direito de greve, como observou o juiz Aguiar Dias, em recente mensagem-redonda transmitida pela televisão.

MÉDICO NÃO É OBRIGADO A MORRER DE FOME

Ante as razões incontestáveis dos médicos, o govêrno e seus agentes procuram manobrar, ora dizendo que o projeto 1.082, em curso no Parlamento, é inconstitucional, ora declarando que o assunto será resolvido por uma comissão do DASP encarregada da reestruturação do funcionalismo. Tais patranhas, porém, não impressionam mais os funcionários. Não lhes interessam as filigranas jurídicas com que se pretende distorcer o problema. Eles perguntam — Se o tal projeto é «inconstitucional», por que o govêrno não envia mensagem ao legislativo propondo uma lei para atender às reivindicações dos médicos? Quanto à tal comissão, seu trabalho só estaria concluído daqui há dois anos, isso se ela não ficar parada, como se encontra agora, em virtude de já ter consumido a verba que lhe foi destinada. E os médicos não podem ficar indefinidamente à mercê dos regulares de Getúlio.

Os médicos querem viver condignamente e, por isso, unem e lutam sem levar em conta as diferenças ideológicas e políticas entre si. A realização da Jornada, o ambiente reinante nos hospitais e ambulatórios indicam que os médicos prosseguirão na luta, a despeito das humilhações a que o govêrno os quer submeter, ameaçando-os com penas disciplinares. O próprio govêrno, ante o vulto do movimento de protesto, já é obrigado a manobrar, inclusive convidando um médico para a tal comissão do DASP, numa tentativa de enganar os profissionais da medicina e embalar-los com promessas vagas. Tudo em vão, porém, porque desde os ilustres professores que figuram à testa das Associações Médicas até os modestos médicos que labutam nos precários hospitais do govêrno, dezenas de milhares de médicos estão dizendo alto e bom som: nossa luta continua; se não formos atendidos, novos e mais vigorosos protestos abalarão o país.

Magnífica Vitória da Greve dos Portuários



Mais uma vitória obtiveram os portuários cariocas! Depois de 52 longos dias — de 11 de fevereiro até 4 de abril — em que se negaram a fazer trabalho extra, foi conquistado o abono de emergência.

Desde o dia em que iniciaram o movimento até a vitória, o governo, por meio dos seus agentes quis desviá-los dos seus objetivos, tentou cansá-los através de múltiplas manobras e ameaças. Entretanto, os portuários tiveram pertinácia, derrotaram todas as manobras do governo, conseguiram levar a luta até a vitória, devido à sua unidade e à solidariedade.

Ante o vigor da luta, Duque de Assis e demais policiais infiltrados na direção da USP pretenderam tomar o controle do movimento, no sentido de canalizá-lo para forçar a demissão de Ismael de Souza, atual superintendente do porto. Mas, os portuários em grandes assembleias e organizados no cais sempre responderam: «Com Ismael ou Silvestre, só trabalharemos com o Abono no bolso».

O governo alegava que não havia verbas para o abono enquanto destinava 60 por cento das rendas para ampliar o porto do Rio, transformá-lo em cais de minérios, em porto militar. Isto ajudou os portuários a compreender que Getúlio tira o pão da boca dos trabalhadores e seus filhos, em benefício dos americanos.

A fila de navios ia crescendo. O desespero do governo ia aumentando. 60 navios já se encontravam à espera de vagas, ao largo, como se vê acima. Mas os portuários não se abalavam.

O governo quis enganar os ferroviários da «Central», pagando salários mais altos, para furar o movimento. Mas, em vão. Os ferroviários desprezaram o suborno, não traíram os seus irmãos de porto. Então, o governo mandou fuzileiros para obrigar o trabalho depois das 16 horas mas fracassou. Quatro guindasteiros da Ilha das Cobras foram forçados

a trabalhar no Lloid Cuba sob a pressão das armas. Após muitas horas, já à meia-noite, nada haviam produzido e os guindastes estavam avariados. O trabalho teve de ser suspenso. O superintendente mandou abrir o Armazém 13 a fim de receber a carga do navio, mas os portuários se reuniram obtendo a solidariedade do «fiel» que se negou a abrir os portões. Suspenso os 31 do armazém nenhum trabalhador de outros armazéns foi substituí-los.

Ismael teve de recuar.

Os operários não se intimidaram com as ameaças de violência publicadas nos jornais da «sadia», pois, não seria esta a primeira vez que Getúlio iria empregar métodos de terror contra eles.

Os portuários venceram. A greve reforçou a sua unidade e organização para as lutas futuras. Eles saíram mais unidos e confiantes em suas forças do que quando começaram a lutar pelo abono de emergência.

UM GRANDE ÊXITO O CONGRESSO DA C. T. A. L.

Os trabalhadores da América Latina votam pela unidade de ação e pela paz

Com a presença de mais de duas centenas de representantes, dos quais 100 pertencentes a entidades filiadas, 103 delegados fraternais e 10 observadores, realizou-se o IV Congresso dos Trabalhadores da América Latina, em Santiago do Chile.

A reação e o imperialismo tudo fizeram para impedir que os trabalhadores comparecessem à capital chilena. Os delegados do Equador não puderam embarcar porque o governo prendeu todos os seus membros. Um delegado do Peru, já em Santiago, foi raptado pelo FBI e, até hoje não foi encontrado. O delegado da Venezuela foi despojado da sua credencial e das que lhe concederam 30 sindicatos de seu país, inclusive do sindicato dos trabalhadores do petróleo, quando passava pelo canal do Panamá, dominado pelos tanques. No Brasil, Getúlio e Segadas ameaçaram destituir de seus postos os que fossem ao Chile. Quando o governo quis intervir no sindicato dos tecelões do Recife, porque o seu presidente, Wilson de Barros Leal, fora ao Congresso, os têxteis pernambucanos ameaçaram entrar em greve e a medida foi derrogada.

Apesar disso o Congresso teve pleno êxito. Decorreu num clima de grande entusiasmo. Os chilenos confraternizaram com os seus irmãos de outros países. A composição do Congresso foi rica. Trabalhadores de várias profissões, incluindo 52 jovens, 9 mulheres, 10 camponeses, dois dos quais do Brasil, participaram ativamente dos debates. A idade média dos delegados foi de 35 anos.

No Congresso, usaram da palavra líderes provados como Lombardo Toledano, Lazaro Peña, Henri Jourdain, Ramiro Luchesi e outros conhecidos representantes dos trabalhadores latino-americanos.

O Congresso tomou importantes resoluções. Ele frizou a importância decisiva da unidade de ação que deve ser forjada na luta pelas reivindicações dentro das fábricas, nos locais de trabalho. O Congresso discutiu amplamente a situação dos trabalhadores do campo e tomou uma resolução de aliança dos operários com os camponeses visando, entre outras coisas a conquista da terra para os camponeses.

O Congresso foi ao encontro dos anseios de paz da classe operária e tomou a decisão de aplicar as resoluções do Congresso dos Povos, especialmente no que se refere à luta contra os pactos militares e pela cessação da guerra da Coreia.

Decidiu, ainda, que os trabalhadores comemorarão este Primeiro de Maio sob o lema de «unidade e solidariedade aos trabalhadores de todo o mundo». Foi enviada uma mensagem de condolências ao Conselho dos Sindicatos da URSS pelo falecimento de Stálin e um telegrama de solidariedade aos trabalhadores paulistas que lutam por aumento de salários e contra a carestia. Ao ser pronunciado numa sessão o nome de João Amazonas, toda a assembleia se pôs de pé.

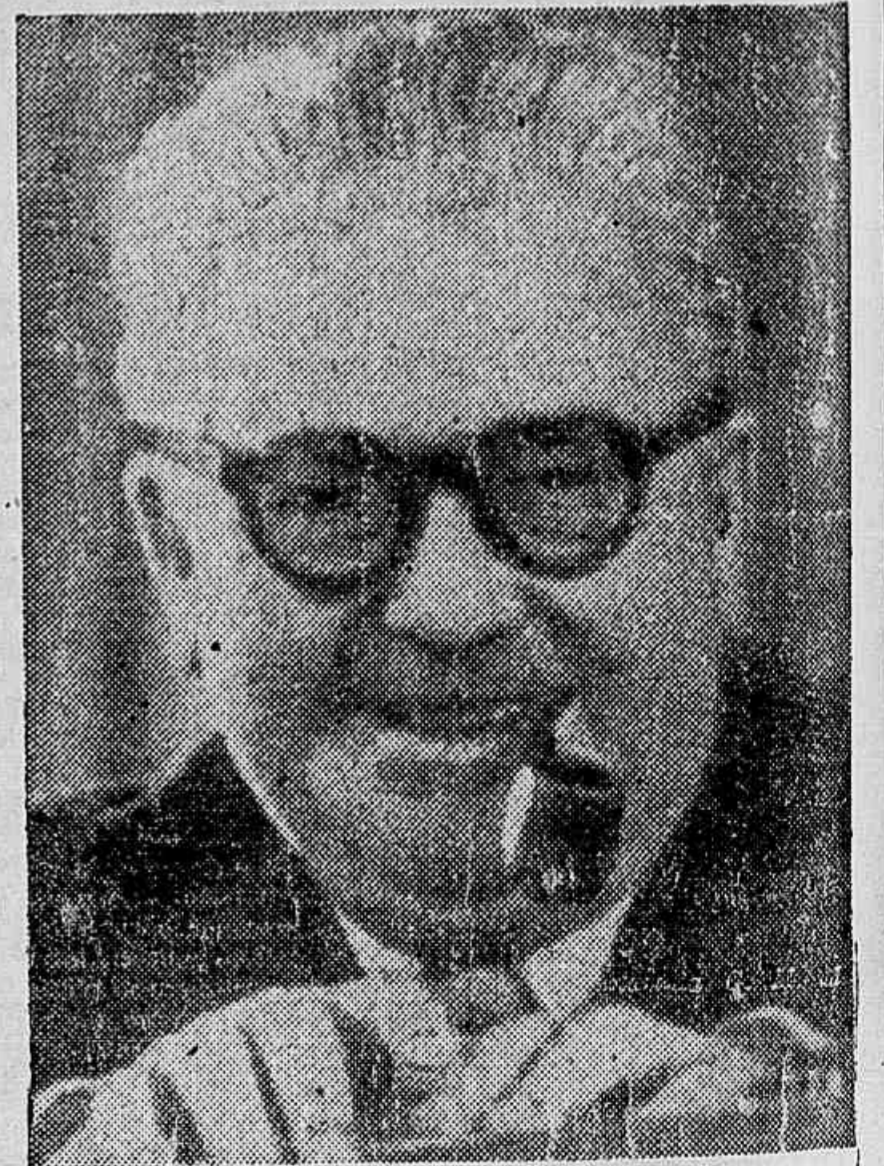
O Congresso constituiu um passo, considerável para a organização, unidade de ação e para o desenvolvimento das lutas dos trabalhadores da América Latina.

YVES FARGE DESTACADO COMBATENTE DA PAZ

Vítima de um acidente, ocorrido na Geórgia a 29 de março último, faleceu Yves Farge, presidente do Comitê Francês de Partidários da Paz. Perdeu assim, o movimento mundial dos combatentes da Paz um de seus mais destacados e ilustres representantes.

Efetivamente, Farge, escritor e jornalista progressista, se havia tornado, de há muito, uma figura querida e conhecida do povo francês, graças ao papel desempenhado por ele durante os negros anos da ocupação nazista. Formando entre os resistentes desde o primeiro momento, Farge empreendeu importantíssima atividade à frente do Comitê Nacional de Luta Contra a Deportação de Franceses para a Alemanha. Terminada a guerra, assim que surgiu o perigo da deflagração de um novo conflito mundial, Farge colocou-se na primeira fila dos combatentes da Paz, tornando-se presidente do Comitê Francês de Partidários da Paz desde a sua fundação. Participando de todas as campanhas em prol da defesa da honra e da soberania francesas, tornou-se deputado, posto que soube utilizar para levar avante a luta em defesa da Paz e da segurança dos povos.

Tendo participado de diversos congressos internacionais pró-paz, Farge tornou-se igualmente membro proeminente do Conselho Mundial da Paz. Nesta qualidade, desempenhou importantes encargos, tendo feito, inclusive uma longa viagem à China e a Coreia, em 1952. O pérfido ataque dos imperialistas ianques à Coreia e a sangrenta guerra a que foi submetido o povo coreano, preocuparam-no intensamente. Seus esforços para obter a cessação do fogo na Coreia e o fim das atrocidades que vêm sendo cometidas pelos ianques franceses

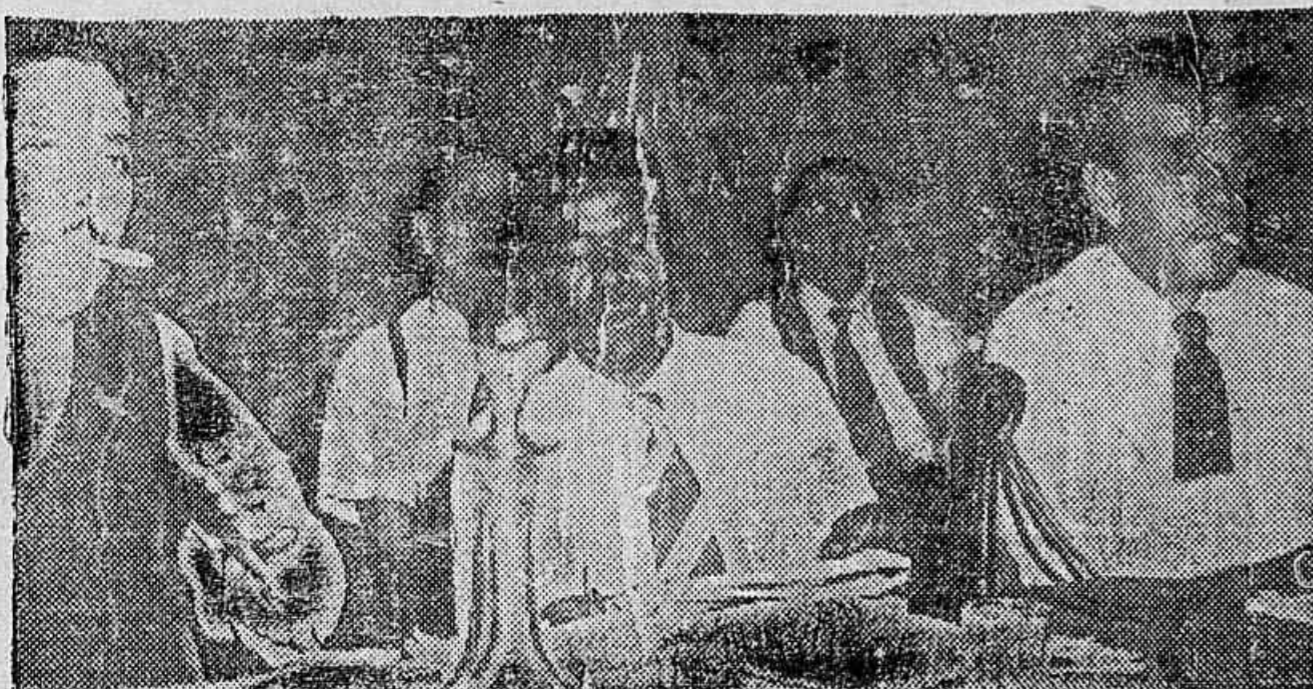


Yves Farge no Congresso dos Povos Pela Paz

levaram-no a entrevistar-se com oficiais norte-americanos prisioneiros de guerra. A entrevista que obteve de John Quinn, oficial da Força Aérea dos Estados Unidos aprisionado pelos sino-coreanos, representou, sem dúvida, uma impressionante confirmação do fato, já denunciado pelos governos da China e da Coreia, de que os imperialistas norte-americanos realizam a monstruosa guerra bacteriológica contra os povos daqueles países.

O conjunto de sua brilhante e destemida atuação em prol da paz, valeu-lhe a obtenção da mais alta honra a que pode aspirar um partidário da paz — o Prêmio Stalin Internacional da Paz, que recebeu em dezembro de 1952, em Moscou.

O desaparecimento de Yves Farge, nesta hora em que os povos empreendem novos e decisivos esforços contra os provocadores de guerra, foi recebido, no mundo inteiro, como uma dolorosa perda para a causa da Paz mundial, causa que a ação unida de milhões de homens tornará vitoriosa.



Geraldo Tiburcio, delegado camponês de Goiás, Presidência 2ª. Reunião do IV Congresso da C.T.A.L. A sua direita se vê o delegado uruguayo e a esquerda, no primeiro plano, Lombardo Toledano, presidente da C.T.A.L.



Kenyatta

LÍDER do POVO do KENIA na LUTA contra os INGLESES

Condenado à Morte

Este é Jomo Kenyatta, «A Lança Flamejante», homem de alta cultura, estudou na Inglaterra, chefe da União Africana do Kênia. O processo instaurado pelos ingleses contra Kenyatta chega agora ao seu termo com a monstrosa condenação do líder negro à morte.

nos 4 cantos do mundo

ESTA É A VONTADE DOS POVOS

O ministro das Relações Exteriores da União Soviética, Viatcheslav Molotov, em extensa declaração, apoiou «a nobre atitude dos governos da China e da Coreia» aceitando a troca imediata dos prisioneiros doentes e feridos e propondo a troca de todos os prisioneiros que queiram voltar a seus países, ficando os demais entregues a uma potência neutra, até que se chegue a uma solução final. «É fora de dúvida — disse Molotov — que os povos do mundo inteiro e todos os homens que aspiram honestamente à cessação do conflito e que desejam contribuir para a consolidação da paz e a segurança dos povos do Extremo Oriente e de todo o mundo, acolherão com profunda simpatia essa proposta e a apoiarão».

SALVEMOS OS ROSENBERG!

O Departamento de «Justiça» do governo de Eisenhower dirigiu-se à Corte Suprema dos EE. JU. pedindo-lhe que mantenha a condenação à morte dos Rosenberg e dizendo que os acusados já «esperam demasiado». A opinião pública do mundo inteiro faz um último apelo em prol da salvação de Julius e Ethel Rosenberg.

FRACASSAM AS CALUNIAS ANTE A REALIDADE

Dez jornalistas americanos estiveram na URSS constatando com os próprios olhos a esplêndida realidade do socialismo. Ao invés da «cortina de ferro», encontraram a liberdade até mesmo de tirar fotografias no interior do Kremlin. Os jornalistas visitaram fábricas, colcosos, teatros, tudo o que quiseram. «Nos campos — declarou um dos repórteres — grandes cartazes acompanham as estradas, pregando a paz entre a União Soviética e o resto do mundo». Verificou ainda o mesmo jornalista que na URSS ninguém quer a guerra «porque toda gente ainda se recorda dos terríveis sofrimentos suportados durante a última guerra».

DIZIMADOS OS COLOMBIANOS

O cel. Alberto Ruiz Novoa, comandante do batalhão colombiano na Coreia, confessou abertamente que seu batalhão foi quase todo dizimado na recente batalha do monte que os ianques chamam «Old Baldy». É para isso que os EE. UU. querem soldados latino-americanos na Coreia: servir de bucha de canhão.

PARA O INFERNO OS IMPERIALISTAS

Boghadí, chefe da aviação egípcia, trazendo o sentimento pró-independência que empolga o país, declarou, dirigindo-se aos imperialistas ingleses: «Deixai nosso país, usurpadores. Deixai esta terra que empobrecerastes, ou o Vale do Nilo se tornará um inferno para vós reduzir a nada».

KENIA, a extensa e rica colônia inglesa da África Oriental, está na ordem do dia. Seu povo é diariamente apresentado pela imprensa venal segundo uma versão tipo Hollywood. Em torno do termo «Mau-Mau» as agências telegráficas do imperialismo compõem as mais tenebrosas histórias. George Horiat, da agência «France Presse», não tem vergonha de assinar um despacho como este: «Os correspondentes dos jornais londrinos relatam cenas de pavorosas atrocidades: crianças teriam sido cortadas em pedaços diante dos olhos de suas mães, enquanto os matadores em seguida lhes bebiam o sangue; outras teriam sido lançadas vivas nas chamas».

Que há por trás dessas mentiras fantásticas contra os oprimidos e explorados negros do Kênia? Por que tanto empenho em mostrar um povo pacífico e trabalhador, que possui elevadas expressões culturais, como um bando de antropófagos? Ainda uma vez estamos diante da velha tática do ladrão que grita: «Pega o ladrão!». **OS PLANOS INGLESES PARA O KENIA**

Até há poucos anos o Kênia não foi senão uma apagada pedra da coroa inglesa. As coisas, porém, têm mudado muito... No Egito, os vorazes sócios americanos arrebataam aos ingleses posição após posição. Isto obriga os decadentes governantes de Londres a voltar suas vistas para outras partes da África, particularmente para o porto de Mombasa — o maior do Kênia — que eles querem transformar numa «segunda Alexandria».

Nessa política, também o aspecto militar não foi descurado. O Estado Maior de Sua Magestade considera a colônia como oferecendo condições para tornar-se numa excelente base militar. O acesso ao Kênia é fácil por mar como por terra. A variedade de terrenos — planícies, colinas, selvas, — especialmente habitados, possibilita toda espécie de treinamentos militares. E o solo fértil pode proporcionar alimentos para um grande exército.

Quilômetros de cais foram construídos em Mombasa, onde enormes depósitos militares estão ocultos por detrás dos bosques de eucaliptos que circundam o porto. Podem-se ler inscrições como estas: «Military Zone (Zona Militar)» e «Out off bounds» (Fora dos limites). A entrada nessas áreas é rigorosamente interdita aos negros. Uma moderna estrada de rodagem estratégica substituiu a que existia anteriormente. Enfim, estão em marcha na colônia os planos

imperialistas para o desencadeamento de uma nova guerra.

É pois, compreensível, que os ingleses queiram se assegurar no país uma «retaguarda tranquila». Como também é fácil de entender que os crescentes anseios de libertação nacional do povo do Kênia se erigem como um obstáculo a tais planos.

JOMO KENYATTA

Jomo Kenyatta, homem de alta cultura, chamado pelo seu povo «A Lança Flamejante», é um nome de há muito conhecido nas lutas pela libertação nacional dos povos da África. Já em 1929 empreendeu ele uma viagem a Londres a fim de reclamar do governo inglês uma reforma agrária em favor da tribo kiukiu e o direito dos 5 milhões de habitantes do país poderem também dizer alguma coisa no seu próprio governo. Em fins de 1944, quando o fascismo agonizava, os ingleses toleraram a Associação dos Africanos e a Associação dos Kiukiu; pouco depois, entretanto, ordenaram sua dissolução. Nasceu, então, a União Africana do Kênia («Kenya African Union») organização legal, chefiada por Jomo Kenyatta, que passou a dirigir a luta do povo pela liberdade e a emancipação nacional. Em novembro passado Kenyatta foi preso pelos ingleses e processado, imputado de ser o chefe dos «Mau-Mau».

«MAU-MAU», UMA INVENÇÃO INGLESA

Antes de agosto, nunca ninguém ouviria falar no termo «Mau-Mau». Nem poderia ter ouvido, simplesmente porque ainda não o havia inventado um funcionário britânico para obter efeito publicitário. A «Sociedade Secreta Mau-Mau», de fato, nunca existiu. Trata-se de uma invenção, uma provocação inglesa para justificar o terrorismo bárbaro desencadeado contra os negros do Kênia, particularmente contra os kiukiu, que constituem uma quinta parte da população, precisamente aquela mais evoluída. Mediante atos de banditismo, massacres de aldeias inteiras, detenções em massa, condenações a trabalhos forçados, perseguições que vão ao extremo de soltar cães policiais no encalço de crianças negras e de roubar aos indígenas suas vacas e animais de criação, dessa maneira os ingleses vão expulsando os kiukius para as selvas e as terras inóspitas do país, tornando-lhes aquelas regiões mais férteis onde se obtêm até duas colheitas por ano.

O VERGONHOSO PROCESSO CONTRA KENYATTA

Nestes últimos dias, o terror britânico

-- que nada fica a dever ao que Mussolini desencadeou contra os abissínios — recrudescer. Telegrama de Londres, da AFP, datado de 23 de março, dizia: «... as tropas de polícia realizaram durante o «week-end» a maior batida desde o começo da ação na colônia. Foram presos, a fim de serem interrogados, mais de 4 mil africanos (na maior parte kiukius), particularmente em Purwani, nas proximidades de Nairobi, bem como em outras localidades».

Os ingleses preparam o terreno para tornar público o veredicto da corte militar que julgou Jomo Kenyatta: a condenação à morte. Daí o terror bestial.

O processo contra Kenyatta se desenvolveu secretamente. Ao líder do povo do Kênia foi brutalmente negado o direito de defesa. Um grupo de juristas ocidentais e não comunistas entre os quais o famoso N. D. Pritt, conselheiro da Rainha da Inglaterra, foi impedido pelas autoridades coloniais de acompanhar o processo. O pedido de investigação feito por dois deputados trabalhistas ingleses também foi torpedeado.

A Inglaterra se jacta de possuir uma justiça inconspicível. O caso de Kenyatta mostra como esta lenda passa longe da verdade. E os que externaram conceitos indignados quando da condenação de um saboteador como Slansky, apanhado em flagrante? Por que se mantêm mudos diante desta monstruosidade que é a condenação à morte de Jomo Kenyatta? É simples: os que instruíram e pagaram a Slansky são os mesmos que se preparam para puxar a corda em torno do pescoço da «Lança Flamejante».

A condenação de Jomo Kenyatta desperta justa indignação entre as pessoas honradas de todo o mundo e em nosso próprio país, cujo povo tem em comum com o povo do Kênia a luta contra a opressão e o racismo imperialistas.

Dizem os ingleses que temem o crescimento da revolta popular quando anunciam o veredicto. Os criminosos gostariam de trabalhar em silêncio... Jamais terão sucesso, todavia. A luta no Kênia continua. É uma sangrenta luta entre os bárbaros colonizadores ingleses e a população negra que deseja a terra para trabalhar, que detesta sua liberdade, o direito à cultura, sua dignidade de seres humanos. Os povos coloniais e dependentes saiam o despertar do povo do Kênia, que conta com o apoio e a ardente simpatia daqueles que já se livraram para sempre da escravidão imperialista.

Josué ALMEIDA



Uma escola de Kapenguria, transformada em Corte de Justiça, é o local onde se acha preso Jomo Kenyatta. Vemo-lo, acima, sob uma escultura armada, na prisão

A Causa dos Operários de São Paulo É a Justa Causa de Todo o Nosso Povo

Manifesto do Comitê Nacional do P.C.B. aos trabalhadores e ao povo

- ★ Sobem os preços, não há hospitais, escolas, nem transportes, mas Getúlio emprega bilhões de cruzeiros na compra de aviões a jato, navios de guerra e armamentos
- ★ Reforçai as comissões de empresa, fortalecei vossa unidade e organização! A vitória exige mais ação e combatividade! Defendei nas praças e nas ruas as liberdades!
- ★ Exigi a fixação imediata dos preços dos gêneros de primeira necessidade e organizai comissões de fiscalização dos preços nos sindicatos e comitês populares!

- ★ Paralisai o trabalho em solidariedade com os grevistas de São Paulo! Enviai auxílio financeiro, mensagens e telegramas de apoio aos bravos operários!
- ★ «Pela paz, contra o «Acôrdo Militar» com os Estados Unidos! Pela unidade da classe operária! Cerrai fileiras em vossos sindicatos!»
- ★ «Viva a união de todos os brasileiros para a luta pela paz, as liberdades e a independência nacional! Por um governo democrático-popular!»

TODO APOIO E SOLIDARIEDADE AOS GREVISTAS DE SÃO PAULO

TODOS OS OPERÁRIOS! AO POVO BRASILEIRO! CAMARADAS E CONCIDADÃOS!

Saudemos calorosamente o heróico proletariado de São Paulo que se levanta neste momento contra a miséria e a fome e enfrenta com coragem e decisão a polícia assassina de Getúlio e Garcez. Uma onda de indignação popular varre o país inteiro, do Norte a Sul, contra a polícia de guerra, de traição nacional, de miséria crescente e de terror policial de Vargas e demais politiquieiros que o opolam. Após as memoráveis lutas do povo gaúcho, as grandes greves dos têxteis de Pernambuco do Distrito Federal, quando os nossos irmãos do Nordeste são obrigados a invadir feiras e povoados para tentar matar a fome de seus filhos, ergue-se no maior centro industrial do país a classe operária que, utilizando a arm da greve, reivindica melhores salários, exige um parcedeiro à esta crescente do custo da vida, protesta contra o racionamento de energia elétrica, que determina o desperdício

de milhares de trabalhadores, e reclamar o respeito aos direitos e conquistas democráticas de nosso povo.

O vasto movimento grevista do proletariado de São Paulo, que abarca centenas de milhares de operários têxteis, metalúrgicos, marceneiros, e de outros ramos importantes da produção, abala o país inteiro, leva o desespero e o pânico às fileiras dos reacionários e dos agentes do imperialismo, e indica a todos os trabalhadores brasileiros, a todo o nosso povo, qual o caminho a seguir para pôr um fim à miséria crescente que a todos atinge e ameaça a vida de nossos filhos.

Há muito o Partido Comunista do Brasil vem dizendo que não há outro caminho. Só a luta, só a ação unida e organizada das grandes massas trabalhadoras pode enfrentar e derrotar a política de guerra, de miséria e fome do atual governo de latifundiários e grandes capitalistas serviais do imperialismo. Getúlio e Garcez e todos os politiquieiros que os apoiam pensavam poder enganar com

promessas aos trabalhadores esfomeados, mas quando os operários de São Paulo exigem concretamente arroz a 7 cruzeiros e feijão a 8, o governador de São Paulo responde com o chamfalho dos cavalarianos, com as bombas e metralhadoras do bandido Reali. A classe operária consciente de sua própria força, não teme porém os arreganhos da reação e com o apoio de todo o povo enfrenta com heroísmo e destemor esse governo de traição nacional e sua política de bandidos e assassinos.

O sr. Vargas, com a sua política de preparação do país para a guerra e de total submissão aos imperialistas americanos, a quem vende o Brasil e promete o sangue de nossa juventude, levou o país ao abismo, à situação de catástrofe a que chegamos com milhões de trabalhadores reduzidos à mais extrema miséria, com a fome a matar homens e mulheres, crianças, jovens e velhos, desde as estradas do Nordeste até os mocambos do Recife, as favelas do Rio de Janeiro, ou as ruas e praças dos grandes centros industriais do país. A custa da mais desenfreada exploração, os patrões, com o apoio do governo e de sua polícia, arrancam das costas dos trabalhadores lucros fabulosos e crescentes, jamais conhecidos.

O governo reduz ostensivamente o valor aquisitivo do cruzeiro, sobem os preços dos artigos de primeira necessidade, não tem limite a ganância dos açambarcadores, campeiam as mais escandalosas negociatas. Não há hospitais, nem escolas, nem transporte para o povo, mas o sr. Vargas zomba da desgraça dos trabalhadores e emprega bilhões de cruzeiros na compra de aviões a jato, de navios de guerra e armamentos, prossegue friamente em sua política de preparação do país para a guerra, tornando, assim, cada vez maior o perigo que ameaça o nosso povo de ser envolvido numa nova guerra imperialista.

É contra essa política de guerra, de fome e reação policial que se levanta agora o heróico proletariado de São Paulo. Sua luta é, pois, a nossa própria luta, é a luta de todos os trabalhadores, de todos os patriotas e democratas, de todos os que não estão dispostos a se deixar matar de fome, que não querem ser arrastados como carne de canhão a uma nova matança imperialista. É a luta de todos os que desejam uma pátria livre e próspera. A causa dos operários de São Paulo é a justa causa de todo o povo brasileiro contra um punhado de traidores da pátria, é uma causa invencível, portanto. Derrotar a política de guerra e de traição nacio-

nal de Vargas é avançar no caminho da unificação das amplas forças patrióticas e democráticas, é lutar por um novo governo, efetivamente popular, que entregue a terra aos camponeses, que confisque as empresas americanas, que garanta a paz e assegure bem-estar e a cultura para o povo.

Queridos e valentes camaradas de São Paulo.

Convosco estão todos os brasileiros honestos e patriotas. Podeis vencer a ganância dos patrões e a brutalidade dos policiais de Getúlio e Garcez. Está em vossas mãos quebrar e fazer em frangalhos a política de guerra, de miséria e fome, a política de traição nacional de Vargas e seus associados. Mas, a vitória depende de vossa persistência na luta, da unidade e organização de vossas fileiras. Reforçai as comissões de empresa! Cerrai fileiras em vossos sindicatos! A vitória exige de vossa parte mais ação e combatividade. Não cruzeis os braços como desejam vossos inimigos e todos os demagogos, porque a vitória exige atividade de todos e de cada um, a vitória exige luta. Intensificai a ação de vossos piquetes de greve! As ruas e as praças são do povo — lutai pelo direito da livre manifestação! Proseguí em vossos comícios, passeatas e demonstrações! Exigi a fixação imediata dos preços dos

produtos de primeira necessidade e organizai vossas próprias comissões de fiscalização dos preços nos sindicatos e nos comitês populares!

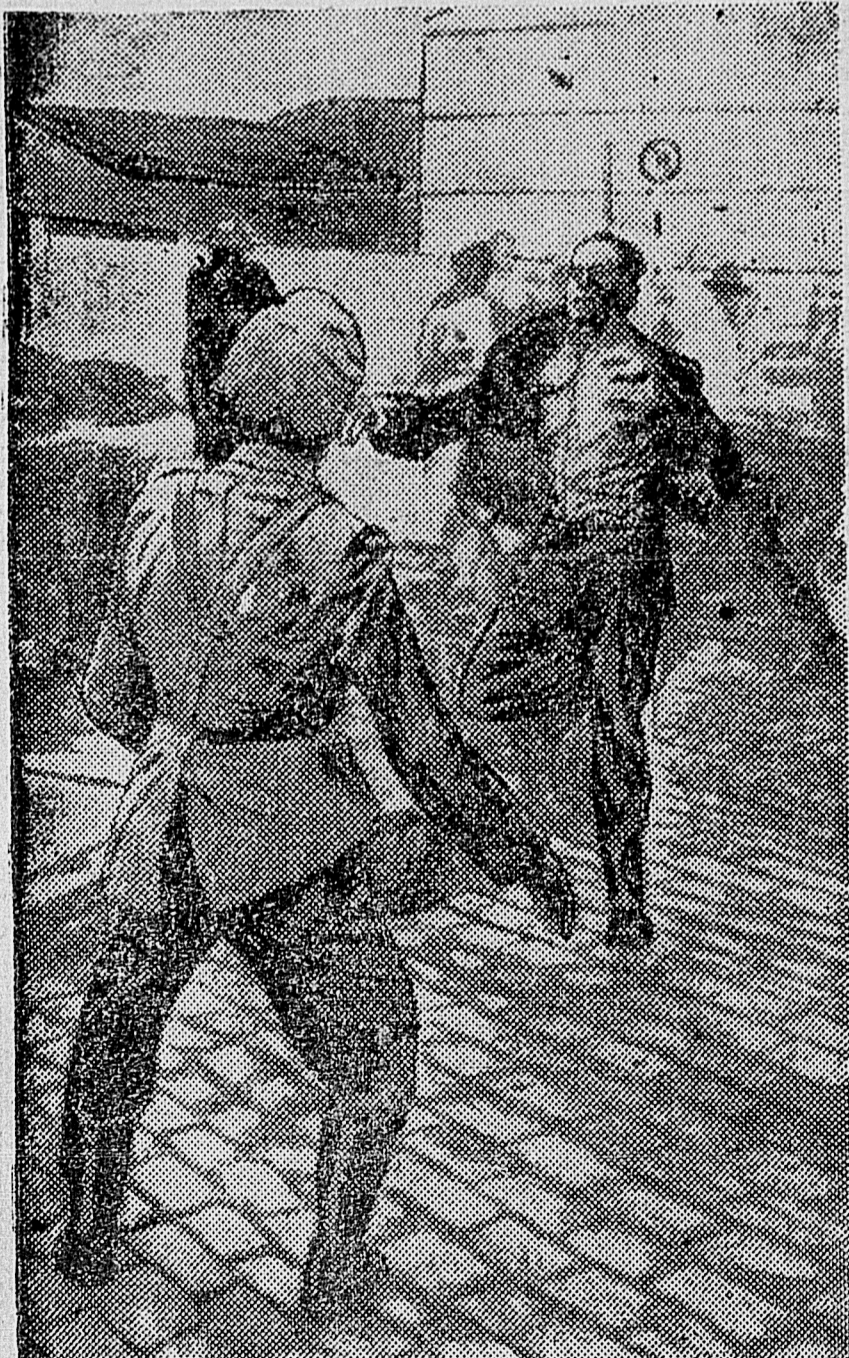
Trabalhadores do Brasil! Apoiad os companheiros de São Paulo! Segui o seu exemplo, lutai pelas vossas reivindicações, contra a carestia da vida, pela paz, pelas liberdades! Paralisai o trabalho em solidariedade com os grevistas de São Paulo! Enviai auxílio financeiro, mensagens e telegramas de apoio. Levantai em vossos sindicatos a necessidade desse apoio prático e efetivo ao proletariado paulista! Proseguí contra as violências e arbitrariedades policiais! Salve a heróica luta do proletariado de São Paulo! Tudo pela vitória! Contra a carestia da vida, pela rebaixa imediata dos preços de todos os artigos de consumo popular!

Pela paz, contra o «Acôrdo Militar» com os Estados Unidos! Pela unidade da classe operária! Cerrai fileiras em vossos sindicatos!

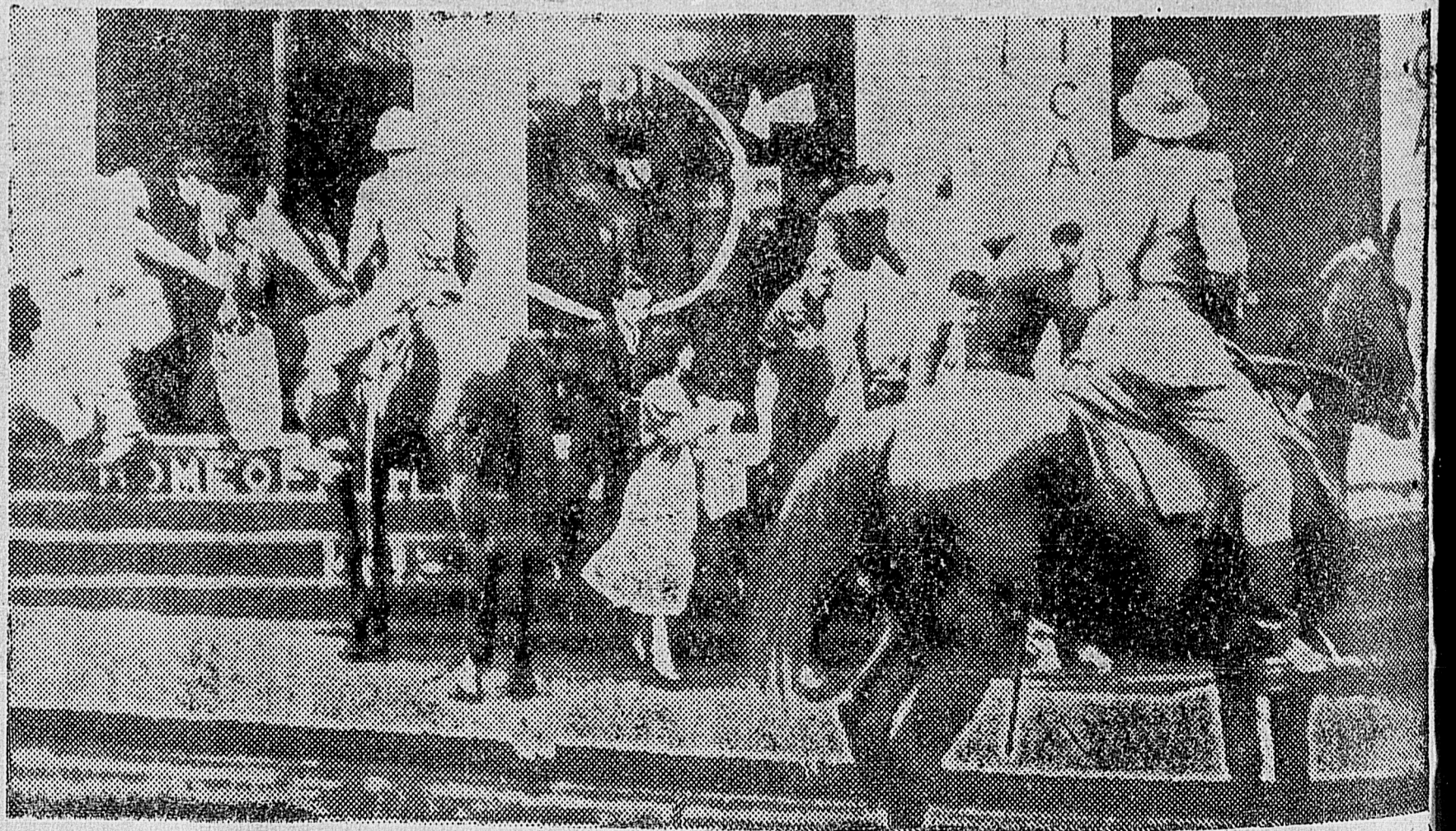
Viva a união de todos os brasileiros para a luta pela paz, as liberdades e a independência nacional! Por um governo democrático-popular!

O COMITÊ NACIONAL DO PARTIDO COMUNISTA DO BRASIL

Rio, 4 de abril de 1953



Um trabalhador agredido pela polícia nas ruas de São Paulo



Cavalariadas em fúria lançados sobre o povo de São Paulo chegam a invadir estabelecimentos comerciais como se não circule calma

O campo passou para a economia socialista em virtude da necessidade econômica exigida que se abrisse caminho para as grandes explorações cooperativas para a agricultura mecanizada. O Partido Bolchevique e o Estado Soviético criaram no campo no curso de muitos anos, novas forças de produção, implantaram uma nova técnica: tratores, colhedoras-estafetas, etc., preparavam os quadros da agricultura socialista, milhões de homens que iam assimilando a nova técnica.

Em sua saudação histórica aos operários da fábrica de tratores de Stalingrado, no dia em que esta foi posta em funcionamento (17 de julho de 1930), o camarada Stálin disse:

«Sado e feição, pela sua vitória, os operários e o pessoal dirigente da primeira fábrica gigante de tratores, na U.R.S.S., condecorada com a ordem da Bandeira Vermelha. Os 50.000 tratores que devem dar ao país anualmente, são 50.000 projéteis que fazem saltar gente da primeira fábrica gigante de tratores, os operários e o pessoal dirigente no campo. Desceio-lhes êxito no cumprimento de seu programa. Pravda, n.º 166, de 18 de junho de 1930.»

As novas forças produtivas criadas no campo conduziram inevitavelmente, a novas relações, as relações socialistas entre os homens, Stálin elaborou amplamente a doutrina marxista-leninista do socialismo, demonstrando que a passagem para a coletivização não é possível por meio de simples atitudes pacíficas dos camponeses nos kolkozos, porém como consequência de uma luta de massas dos

«Ao passo que a confiscação da terra dos Intitulados era o primeiro passo da Revolução de Outubro no campo — como o Indulgido cam as resoluções do XVI Congresso do Partido, — a passagem para os kolkozos e segundo passo e, além disso, o passo decisivo, que determina a etapa mais importante na construção dos alicerces da sociedade socialista na U.R.S.S.» (Resoluções dos Congressos, Conferências e Plenos do C. C. do P. C. (b) da U.R.S.S., pág. 432, ed. russa).

O camarada Stálin, com a previsão genial que o caracteriza, demonstrou, de maneira científica, que o prazo desta luta final e decisiva contra o capitalismo interior já havia chegado. Grande dialeto, demonstrou que a liquidação dos kulaks, como classe, não era uma continuação da política anterior de restrição e deslocamento dos kulaks, mas uma vitória completa na política do Partido.

O XV Congresso tomou a resolução de realizar em toda a sua amplitude a coletivização da agricultura. Ao mesmo tempo, o Congresso deu a palavra de ordem de elaborar o primeiro Plano Quinquenal para a economia nacional. Eis como, no momento mais agudo da industrialização socialista, Stálin assinalou um novo trabalho grandioso, o da coletivização da agricultura. O cumprimento de semelhante tarefa histórica exigia a preparação mais minuciosa que, por sua profundidade e envergadura, pode, sem temor, algum, ser comparada com a preparação da Grande Revolução Socialista de Outubro. O estrategista genial da revolução proletária conduziu o Partido para a frente, de maneira intrépida e decidida, conscienciosa e serena, vencendo todos os obstáculos que se interpunham no caminho para a meta, vigiando atento as manobras do inimigo de classe, prevendo, com a mais profunda perspicácia, suas atividades no futuro próximo, reagrupando, com mão de mestre as forças, no curso da ofensiva, consolidando as posições conquistadas, utilizando as reservas para tornar maior o êxito.

O Partido havia preparado todas as condições materiais necessárias para o ingresso, em massas, dos camponeses, nos kolkozos. Havia sido criada a base industrial para o abastecimento do campo, em máquinas agrícolas e tratores, a base para o reequipamento técnico da agricultura. Foram acumulados recursos suficientes para financiar a edificação dos kolkozos e sovkozianas, destacados para essa edificação os melhores homens do Partido, da classe operária, e fortalecidos os primeiros kolkozos, que mostravam aos camponeses individuais as vantagens da agricultura coletivizada. Foram criadas as estações de máquinas e tratores e os sovkozos, que ajudavam os camponeses, na tarefa de melhorar suas economias.

Pressentindo seu ocaso, os kulaks tentaram opor resistência, organizaram a «greve do pão», crendo que, dessa maneira, obrigariam o Partido, senão a capitular, pelo menos a retroceder. No mesmo ano, 1928, descobriu-se uma grande organização de sabotagem, formada por técnicos burgueses no setor de Stazl, na Baía do Donetz e também em outras regiões. Os sabotadores mantinham relações com os Estados imperialistas.

Dirigido por Stálin, o Partido levou a cabo medidas extraordinárias contra os kulaks e venceu sua resistência. Os sabotadores receberam o castigo merecido. O camarada Stálin exortou o Partido a tirar os devidos ensinamentos do processo de Shatzl e, antes

camponeses contra os kulaks. Era necessário esmagar os kulaks numa combate aberto, à vista de todos os camponeses para que as massas de camponeses se persuadissem da debilidade dos elementos capitalistas: por isso mesmo, a passagem para a coletivização total esta-va ligada indissoluivelmente com a tarefa de liquidação dos kulaks, como classe.

As indicações do camarada Stálin sobre a necessidade de uma viragem na política do Partido, de restrição das tendências exploradoras dos kulaks, para liquidação dos kulaks como classe, foram a base da decisão do C. C., de 5 de janeiro de 1930. «Sobre os ritmos da coletivização e medidas de ajuda do Estado na edificação kolkoziana».

Os inimigos do Partido procuravam por todos os meios frustrar o rumo que este havia tomado, tendente a coletivizar o país. Estes tentos hostis haviam-se manifestado não só na luta direta contra a coletivização, por parte dos capitalistas de direita, mas também nas deformações «esquerdistas» da linha do Partido, com que violavam os ritmos de coletivização estabelecidos pelo Partido, com que feriam o princípio leninista-estalinista do caráter vigoroso da estruturação dos kolkozos, se manifestaram nos saltos da das moradas, do gado muido, aves domésticas, etc.

Os inimigos do interior e do exterior, os intervencionistas e seus agentes, abrigavam a esperança de que esta prática «esquerdista», muitas vezes conscientemente provocadora, meteria uma cunha entre os camponeses e o Poder Soviético. Nos Estados-Maiores dos países imperialistas já se marcavam as datas da nova intervenção. Mas o chefe do Partido notou a tempo o novo perigo.

A 2 de março de 1930, por resolução do C. C., publicou-se um artigo de Stálin intitulado Os êxitos sobem-nos à cabeça. Neste artigo, atalhavam-se os excessos «esquerdistas» que ameaçavam arruinar o movimento kolkoziano. «Neste artigo, sublinhava-se vigorosamente o princípio da voluntariedade na organização dos kolkozos e indicava-se a necessidade de atentar para a diversidade de condições existentes nas diferentes regiões da U.R.S.S., ao determinar os ritmos e métodos da coletivização. O camarada Stálin recordava que o êxito fundamental do movimento kolkoziano era o artei agrícola. Este artigo ajudou as organizações do Partido a corrigir seus erros, e des-



I. V. Stálin e G. Dmítrov, em 1934

A 27 DE DEZEMBRO DE 1929. Stálin pronunciou um discurso na Conferência dos técnicos agrícolas marxistas, no qual pôs a nu a teoria burguesa do «equilíbrio» dos setores da economia nacional, a teoria anti-marxista da «espontaneidade» na edificação socialista e a teoria igualmente anti-marxista da «estabilidade» das pequenas explorações camponesas. Destacando todas essas teorias burguesas e anti-marxistas dos oportunistas de direita, o camarada Stálin fez uma análise profunda da natureza dos kolkozos, como forma socialista de economia e fundamentou a passagem para a política de coletivização total e para a liquidação, sobre esta base, dos kulaks, como classes.

Já, no XI Congresso do Partido, Lenin se referia à batalha final e decisiva contra o capitalismo russo que surge da pequena exploração camponesa, porém, naquele momento, não se podia prever.

- IX -

L. V. Stálin entre Voroshilov e Kalinin, em 1930



de tudo, a que os bolcheviques, que ocupavam postos administrativos e convertessem em conhecedores da técnica, em especialistas, assim como a que se acelerasse a preparação de novos quadros técnicos, entre os operários.

Ao passar o Partido à ofensiva contra os kulaks, o posto dos trotskistas e zinovievistas, esmagados pelo Partido, foi ocupado, em 1928-1929, por Bukarin, Rikov, Tomski e todo o seu grupo anti-bolchevique, de capitulacionistas de direita e restauradores do capitalismo. Ao mesmo tempo, os imperialistas, apoiando-se no trabalho dos capitulacionistas de direita, tentaram, novamente, arrastar a U.R.S.S. à guerra. Nos Estados-Maijores da Inglaterra e da França, elaboraram-se planos de uma nova intervenção contra a U.R.S.S. calculada para 1929-1930.

Assim como a vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro, em 1917, não haveria sido possível sem o esmagamento dos capitulacionistas e rebulalhos, dos mencheviques e social-revolucionários, do mesmo modo não seria possível a vitória do socialismo no campo, sem o esmagamento dos capitulacionistas de direito, em 1928-1929. Especial significação para a vitória do Partido sobre o grupo anti-bolchevique de Bukarin e Rikov tiveram os discursos de Stálin sobre o perigo direitista no P. C. (b) da U.R.S.S. (no Pleno do Comité de Moscou e da Comissão de Contrôle de Moscou, de outubro de 1928) e sobre o desvio direitista no P. C. (b) da U.R.S.S. no Pleno do C.C. do P.C. (b) da U.R.S.S., abril de 1929).

Com essas intervenções de Stálin foram totalmente desmascarados os elementos de direita como inimigos do leninismo; ficou demonstrado que esses elementos eram agentes dos kulaks dentro do Partido.

Em luta contra os direitistas, Stálin agrupou todo o Partido e o conduziu ao assalto do último baluarte da exploração capitalista, em nosso país. O gênio de Stálin, sua vontade inquebrantável e a sua sábia clarividência asseguraram o ascenso da revolução a uma nova escala mais elevada. Em seu artigo histórico *O ano da grande viragem*, escrito em 1929 a propósito do XII aniversário da Revolução de Outubro, Stálin dizia:

«O ano transcorrido foi o ano da grande viragem em todas as frentes da edificação socialista. Esta viragem desenvolveu-se e continua se desenvolvendo sob o signo da ofensiva decisiva do socialismo contra os elementos capitalistas da cidade e do campo. A nota

lehou o mais rude golpe contra os inimigos do Poder Soviético, que confiavam em que tais excessos lhes forneceriam a base para sublevar os camponeses contra o Poder dos Soviéticos». (História do P. C. (b) da U.R.S.S., Ed. Horizonte, Rio, 1946, pag. 124).

Assesando assim as esperanças dos intervencionistas, o camarada Stálin educador de milhões de homens, explicava aos quadros do Partido e aos sem partido em que consistia a arte da direção.

«A arte da direção — escreveu Stálin — é uma coisa séria. Não se pode ficar à retaguarda do movimento, já que retardar-se significa a afastar-se das massas. Mas tampouco deve-se adiantar, já que isto significa perder os laços com as massas. Quem quiser dirigir o movimento e conservar simultaneamente os vínculos com as massas de milhões deve lutar em duas frentes: contra os que se retardam e também contra os que se adiantam. (J. Stálin, *Problemas do leninismo*, pag. 306, ed. esp.).

No artigo publicado a seguir, a 3 de abril de 1930, Resposta aos camaradas kolkozianos, dirigido aos milhões de kolkozianos, Stálin, indicando as causas profundas dos erros cometidos no problema camponês e os principais erros do movimento kolkoziano, explicava com vigor extraordinário, em que consistia a essência das leis de ofensiva na frente da luta de classes. Não se pode levar a cabo uma ofensiva sem consolidar as posições conquistadas, indicava o camarada Stálin; sem reagrupar as forças, sem garantir a frente com reservas e sem trazer para mais próximo o abastecimento das tropas. Os oportunistas não entendem o caráter de classe da ofensiva? Não neque classe e um único com que classe se faz a ofensiva? Não necessitamos — dizia o camarada Stálin — de uma ofensiva qualquer, porém da ofensiva contra os kulaks e da união com os camponeses médios.

«Graças à direção stalinista e como resultado da correção dos excessos, tornou-se uma base firme para um novo e poderoso ascenso do movimento kolkoziano. O Partido, a cuja frente se achava o camarada Stálin, resolveu o problema mais difícil da revolução proletária, depois da conquista do poder: o problema de pôr no caminho do socialismo as pequenas explorações camponesas, o problema de liquidar os kulaks, a classe exploradora mais numerosa. Foi esta uma profundíssima transformação revolucionária, um salto de muito estado qualitativo, da sociedade para um novo estado

Estas indicações do camarada Stálin, tiveram uma grande importância para o fortalecimento do comércio soviético e o desenvolvimento da circulação de mercadorias no país.

Em seu informe sobre o trabalho do C. C. do P. C. (b) da U.R.S.S., pronunciado em Leningrado, em vésperas do XVII Congresso do Partido, o inspirado tribuna da Revolução, S. Kirov, querido pelo Partido, caracterizou da maneira seguinte o grande organizador das vitórias socialistas da classe operária:

«Camaradas: ao falar dos méritos do nosso Partido, dos êxitos do nosso Partido, não se pode deixar de falar do grande organizador das vitórias gigantescas, que temos obtido. Refiro-me ao camarada Stálin.

Diz-vos-ei que é verdadeiramente o sucessor, o continuador mais completo, realmente multi-facético da obra que nos legou o grande fundador do nosso Partido, aquele que perdemos já faz dez anos.

Difícil é imaginar-se uma figura tão gigantesca como a de Stálin. Nos últimos anos, desde que trabalhamos sem Lênin, não sabemos de nenhuma viragem em nosso trabalho, de nenhuma iniciativa, palavra de ordem, ou orientação de certa importância em nossa política, cuja autor não seja o camarada Stálin, porém alguma outra pessoa. Todo o trabalho fundamental — isto deve saber o Partido — faz-se segundo as indicações, a iniciativa e a direção do camarada Stálin. Os problemas mais transcendentais de política internacional são resolvidos segundo suas indicações; e não somente esses grandes problemas, mas questões que podiam parecer da terceira ou mesmo de décima ordem, o interessam, se dizem respeito aos operários, aos camponeses e a todos os trabalhadores do nosso país.

E devo declarar que isso não se refere somente à construção do socialismo em seu conjunto, mas, também, aos diversos problemas do nosso trabalho. Por exemplo, se tomamos o problema da defesa do nosso país, é necessário frizar fortemente que devemos todos esses nossos êxitos inteiros e plenamente ao camarada Stálin. A vontade poderosa e o talento de organizador colossal desse homem asseguraram ao Partido a possibilidade de realizar, a tempo, as grandes viragens históricas, vinculadas à construção vitoriosa do socialismo.

das gentes atrasadas as fileiras de vanguarda. A mulher é, nos kolkozos uma força considerável. Deixar a mulher de lado seria cometer um crime. Nosso dever é ajudar a mulher nos kolkozos a despar-se e pôr esta força em marcha.» (J. Stálin, Problemas do Leninismo, pág. 418 ed. esp.).

«Quanto às próprias kolkozianas — continua Stálin — devem ter presente a força que os kolkozos representam e o que significam para a mulher; devem ter em conta que se dentro do kolkoz pode a mulher elevar-se ao nível do homem. Sem os kolkozos, desigualedade; nos kolkozos, igualdade de direitos. Que as camaradas kolkozianas tenham isto presente e que cuidem do regime kolkoziano como na menina de seus olhos.» (Obra citada, pág. 419).

A incorporação à causa da construção do socialismo das massas amplas, populares de nosso país, incluídos os trabalhadores das nações oprimidas e atrasadas, significou a mais grandiosa vitória da ideologia soviética, que vê nas massas os verdadeiros criadores da história, sobre a ideologia burguesa, que diluía toda espécie de lerdas sobre a incapacidade das massas para uma obra histórica independente em todos os aspectos da vida. O camarada Stálin desmascarou o fundo reacionário da «teoria» segundo a qual os explorados não podem viver sem os exploradores. «Um dos resultados mais importantes da Revolução de Outubro — escrevia o camarada Stálin — é o fato de haver assastado o golpe de misericórdia nessa falsa teoria.» (Obra citada, pág. 177).

O camarada Stálin desmascarou também a lenda reacionária segundo a qual os povos se dividem em raças inferiores e superiores. «Antes, era corrente» acreditar-se que o mundo estava dividido em raças inferiores em raças superiores, em raças inferiores e superiores, em raças inferiores e superiores, em raças inferiores e superiores, em raças inferiores e superiores. Hoje esta lenda tem que ser considerada como destruída e rejeitada. Um dos resultados mais importantes da Revolução de Outubro é o fato de haver assastado nesta lenda o golpe de misericórdia demonstrando na prática que os povos não europeus libertados e atraídos à corrente do desenvolvimento soviético, são capazes de impulsionar uma cultura realmente avançada e uma civilização realmente avançada, não inferior de modo algum à dos povos europeus.» (Obra citada, pág. 182).



J. V. Stálin e S. Kirov. em Leningrado, em 1927

qualitativo, equivalente, por suas consequências, à transformação revolucionária operada em Outubro de 1917.

O traço característico desta revolução consistia em que se havia produzido, de cima para baixo, por iniciativa do Poder do Estado, com a ajuda direta de baixo para cima, por parte da massa de milhões de camponeses que lutavam contra seu avassalamento, pelos kolkozos e em favor de uma vida kolkoziana livre.» (Obra citada, pág. 122).

Baseando-se nas diretrizes de Lênin, sobre a necessidade de passar, na agricultura, das pequenas explorações camponesas para as grandes, para o artef, para agricultura coletivizada; baseando-se no plano de cooperação de Lênin, Stálin elaborou teoricamente e pôs em prática a doutrina sobre a coletivização da agricultura. A contribuição de Stálin, neste terreno, consiste em que: 1) colocou em toda sua amplitude o problema da forma kolkoziana da economia socialista no campo; 2) demonstrou que o elo básico principal da estrutura dos kolkozos na etapa atual deve ser o artef agrícola, como forma mais justa e compreensível para os camponeses, a qual permite conjugar os interesses dos kolkozianos com seus interesses sociais, adaptar os interesses pessoais dos kolkozianos aos interesses sociais; 3) fundamente a passagem da política de restrições e deslocamento dos kolkozos à política de liquidação dos kolkozos como classe, por meio da coletivização total; 4) descobriu a importância das estações de máquinas e tratores, como pontos de apoio da reconstrução socialista da agricultura e da ajuda do Estado socialista à agricultura e aos camponeses.

Em fevereiro de 1930, atendendo a numerosas solicitações de camponeses e combatentes do Exército Vermelho, o Comitê Executivo Central da U. R. S. S. resolveu conceder o camarada Stálin com a segunda Ordem da Bandeira Vermelha, pelos grandes méritos na frente da construção socialista.

O XVI Congresso do Partido (26 de junho e 13 de julho de 1930), passou para a História como o Congresso da ofensiva desencadeada pelo socialismo em toda a frente. Descobriu o conteúdo essencial da ofensiva do socialismo contra os elementos capitalistas em toda a frente. Stálin estabeleceu em seu informe que nosso país já havia entrado no período do socialismo.

Informando perante o Congresso sobre os êxitos logrados na

pugnou e defendeu a palavra de ordem de converter os kolkozos em kolkozos bolcheviques, e os kolkozianos em homens de vida foigada.

«Hoje, para ser koloziano remediado — dizia o camarada Stálin — so se requer uma coisa: trabalhar honradamente no kolkoz, utilizar bem os tratores e as máquinas, saber cuidar do gado, trabalhar bem a terra e zelar pela propriedade kolkoziana» (Obra cit., pág. 18).

As palavras de Stálin penetraram na consciência de milhões de kolkozianos e converteram-se no programa prático de luta dos kolkozos.

Generalizando a experiência da construção socialista, o camarada Stálin abordou o problema do comércio soviético, como a forma de distribuição e troca dos produtos do trabalho nas condições do socialismo.

O camarada Stálin dizia: «O comércio soviético é um comércio sem capitalistas — nem grandes nem pequenos — um comércio sem especuladores — nem grandes nem pequenos. É um comércio de um tipo específico que a história desconhecia até agora e que só nós, os bolcheviques, praticamos nas condições do desenvolvimento soviético.» (J. Stálin — Problemas do Leninismo, pág. 389 ed. esp.)

«Para que a vida econômica do país brote como um manancial e a fim de que a indústria e a economia agrícola tenham um estímulo para o crescimento de sua produção — dizia mais adiante o camarada Stálin — é necessária mais uma condição, a saber: uma ampla circulação de mercadorias entre a cidade e o campo, entre os distritos e as regiões do país, entre os diferentes ramos da economia nacional.» (Obra citada, pág. 458).

O camarada Stálin criticava violentamente aqueles que subestimavam o comércio soviético ou mantinham em relação a ele uma atitude depreciativa. «Em alguns comunistas — dizia Stálin — continua imperando uma atitude altaneira, desdenhosa frente ao comércio em geral e ao comércio soviético em particular. Estes comunistas, e perdoai que os chame assim, consideram o comércio soviético como um assunto secundário, sem nenhum valor e aos que trabalham nele como pessoas que não tem salvação... Esses não compreendem que o comércio soviético é nossa própria obra, bolchevique, e os que nele trabalham, incluídos os dependentes, se trabalham honradamente, são veículos de nossa obra revolucionária bolchevique.» (Obra citada, pág. 459).

